

IMIGRAÇÃO UCRANIANA EM PORTUGAL E NO SUL DA EUROPA:

A EMERGÊNCIA DE UMA OU VÁRIAS COMUNIDADES?

ORGANIZADO POR
MARIA IOANNIS BAGANHA
JOSÉ CARLOS MARQUES
PEDRO GÓIS



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS




acidi

Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I. P.

**IMIGRAÇÃO
UCRANIANA EM
PORTUGAL
E NO SUL
DA EUROPA:**

**A EMERGÊNCIA DE UMA
OU VÁRIAS COMUNIDADES?**

**ORGANIZADO POR
MARIA IOANNIS BAGANHA
JOSÉ CARLOS MARQUES
PEDRO GÓIS**



Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

Imigração ucraniana : a emergência de uma ou várias comunidades?
org. Maria Baganha, José Carlos Marques, Pedro Góis. - (Comunidades; 3)
ISBN 978-989-8000-96-5

I – BAGANHA, Maria Ioannis Benis,
II – MARQUES, José Carlos
III – GÓIS, Pedro

CDU 314
316

Promotor

Observatório da Imigração
www.oi.acidi.gov.pt

Coordenador do OI

Roberto Carneiro

Organização

Maria Ioannis Baganha
José Carlos Marques
Pedro Góis

Autores

José Carlos Marques, Pedro Góis, Maria Paula Oliveira, Maria Manuela Mendes, Barbara Dietz, Renata Hosnedlová,
Mikolaj Stanek, Lena Näre

Edição

Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.)
Rua Álvaro Coutinho, 14, 1150-025 Lisboa
Telefone: (00351) 21 810 61 00 • Fax: (00351) 21 810 61 17 • E-Mail: acidi@acidi.gov.pt

Execução Gráfica

PROS – Promoções e Serviços Publicitários, Lda.

Primeira Edição

750 Exemplares

ISBN

978-989-8000-96-5

Depósito Legal

319964/10

Lisboa, Janeiro 2010

ÍNDICE GERAL

Prefácio <i>Roberto Carneiro</i>	9
Tributo a Maria Ioannis Baganha <i>José Carlos Marques e Pedro Góis</i>	11
Introdução Novos fluxos de imigração em Portugal: o novo posicionamento de Portugal no sistema migratório europeu <i>Pedro Góis e José Carlos Marques</i>	13
PARTE I - Quando os extremos se tocam: imigrantes ucranianos em Portugal <i>José Carlos Marques e Pedro Góis</i>	25
I. Do Leste ao Oeste: novos fluxos migratórios em Portugal	26
II. Novos fluxos imigratórios - Imigrantes da Europa de Leste em Portugal: Resultados do inquérito de 2002	31
III. Os imigrantes do Leste em Portugal. Resultados do inquérito de 2004	81
PARTE II – Os ucranianos na Europa do Sul	119
IV. Os ucranianos no concelho de Leiria - Percursos migratórios e integração social <i>Maria Paula Oliveira</i>	121
V. Representações e estereótipos face à maioria <i>Maria Manuela Mendes</i>	145
VI. Migration from Ukraine: A challenge for the European Union? <i>Barbara Dietz</i>	187
VII. Ukrainian migration to Spain: sociodemographic profile, mobility patterns and migratory projects <i>Renáta Hosnedlová e Mikolaj Stanek</i>	211
VIII. Ukrainian migration to Italy: Lone female breadwinners as ‘skilled’ workers in ‘low’-skilled occupations <i>Lena Näre</i>	231

V

REPRESENTAÇÕES E ESTEREÓTIPOS FACE À MAIORIA

MARIA MANUELA MENDES
Socióloga, FA-UTL e CIES/ISCTE-IUL

Introdução

Neste artigo pretende-se reflectir sobre a seguinte questão: ao confrontarem-se com a sociedade dominante, ou seja, com o “Outro⁸⁰ maioritário”, geralmente que representações constroem e que emoções experienciam imigrantes russos e ucranianos residentes na Área Metropolitana de Lisboa?⁸¹

A escolha do estudo dos imigrantes russos e ucranianos deve-se em grande medida ao fato de estarmos diante de cidadãos estrangeiros não comunitários, com uma experiência recente de imigração em contexto nacional, supostamente mais próximos da sociedade receptora — visual (aspectos de carácter físico) e culturalmente. Optou-se por estudar, em conjunto, os russos e ucranianos, apesar de serem grupos imigrantes heterogêneos no seu interior e entre si, havendo porém afinidades e proximidades geográficas, históricas e culturais, já que, até os anos 90, faziam parte da ex-URSS — eles próprios se autoavaliavam como os mais próximos, nomeadamente, entre os quatro grupos imigrantes da “Europa do Leste” (acrescem os moldavos e romenos, estes últimos eram assim categorizados, antes da sua adesão à UE), com um maior número de representantes. Por outro lado, os russos também não têm sido muito visados pelas pesquisas que vêm sendo levadas a efeito em Portugal, devido possivelmente à sua menor visibilidade e dada a sua dimensão menos significativa entre outros grupos imigrantes desta Europa do Leste.

É um facto inegável de que o fenómeno da imigração proveniente dos países do Leste europeu é ainda relativamente recente na nossa sociedade, o que constitui mais uma razão para a escolha de nosso tema. Até finais de 2004, o número de imigrantes com a situação regularizada via Autorizações de Permanência (AP's) atingia já os 64.730 indivíduos de nacionalidade ucraniana (+ 1.360 Autorizações de Residência,

80 Como bem refere Patrick Champagne, os Outros têm quase sempre um conteúdo impreciso, o mesmo acontece com o Nós, que é uma classificação que não se baseia em critérios unívocos, não tendo fronteiras bem claras, o que pode gerar múltiplas interpretações. Contudo, o mesmo autor clarifica estas duas noções, ao dizer que o Nós pode funcionar como um núcleo fundamental de resistência, transmitindo um sentimento de segurança, que envolve os pares, ou seja, aqueles em quem se confia e com os quais há identificação. Enquanto que, os Outros suscitam sentimentos de insegurança ontológica e até de ameaça (Champagne *et al.*, 1990: 49-51).

81 Este texto tem por base um dos capítulos da dissertação de Doutoramento em Sociologia Geral, de Maria Manuela Mendes (2007), Representações face à discriminação: Ciganos e Imigrantes Russos e Ucranianos na Área Metropolitana de Lisboa, ICS-UL. Tendo como ponto de partida uma perspectiva relacional e dinâmica, foi no quadro da interacção entre o Nós e os Outros que se pretendeu conhecer as representações dos imigrantes russos e ucranianos e dos ciganos sobre domínios, práticas e situações percebidos como discriminatórios no contexto das relações entre estes grupos e a sociedade maioritária. Neste estudo de carácter qualitativo confere-se um lugar de centralidade à entrevista em profundidade realizada aos ciganos portugueses (40) e aos imigrantes russos e ucranianos (34) a residir na Área Metropolitana de Lisboa (entre meados de 2003 e finais de 2004), embora se tenham utilizado outros recursos técnicos, como a análise documental e a análise estatística. Os resultados apresentados neste texto restringem-se aos discursos veiculados pelos imigrantes.

AR's), 7.053 russos (+ 1.124 residentes), 12.647 moldavos e 10.944 romenos com AP'S.⁸² Estima-se que estes quantitativos sejam largamente superiores, pois tais valores não contemplam aqueles que ainda não tinham regularizado a sua situação de permanência na sociedade de acolhimento. Os estudos até o momento efetuados em contexto nacional privilegiam os ucranianos, de dimensão bem mais expressiva face aos demais. Os russos, por sua vez, vêm sendo menos estudados, pautando-se por uma visibilidade social discreta, quase mesmo imperceptível.

Os sujeitos entrevistados tendem a focalizar-se nos contrastes, nas semelhanças, nos aspectos negativos e positivos, assim como nas reacções emocionais que expressam em contacto com os membros da maioria. Neste prisma, os imigrantes deixam antever os estereótipos que constroem face à maioria, o que não deixa de ser simultaneamente uma manifestação de adaptabilidade demonstrada por estes grupos minoritários co-presentes na sociedade portuguesa. Relembre-se a este propósito, que os estereótipos servem uma variedade de funções nas relações intergrupais. Têm desde logo uma função primordial, que é a de simplificarem o complexo mundo social, proporcionando uma espécie de guião a accionar nas interacções sociais, já que fornecem explicações sobre o comportamento dos outgroups. Os estereótipos são geralmente mobilizados pelo *ingroup* para justificarem a sua superioridade e reforçarem a sua auto-estima. Quando revelam uma carga negativa, podem envolver ameaças ao *ingroup* na medida em que se espera que os membros dos outros grupos ajam em detrimento do bem-estar do *ingroup* (Stephan e Renfro, in Mackie e Smith, 2002: 191-207). Os estereótipos têm ainda a funcionalidade de transformar diferenças menos claras entre grupos em diferenças mais nítidas, ou então criam diferenças onde elas não existem (Tajfel, 1983).

Relembre-se ainda que os estereótipos são também as componentes cognitivas mais importantes dos preconceitos (cf. Gamella, 1996: 313). Os preconceitos prefiguram-se como orientações individuais, ainda que socialmente moldados, e que se podem concretizar em condutas. Ou seja, os preconceitos implicam não só uma representação negativa (reacção cognitiva), mas também respostas emocionais negativas, em termos comportamentais (internas ao sujeito, e que podem ser publicamente exteriorizáveis), por parte de quem os constrói e manifesta. Os preconceitos têm várias componentes: a cognitiva, a afectiva e a comportamental. Aqui, confere-se especial destaque não só à componente cognitiva e estereotipada (as crenças sobre determinados atributos), mas também à dimensão de carácter afectivo e avaliativo (avaliações negativas e sentimentos de hostilidade). Nas suas representações face à maioria, os imigrantes fazem avaliações que revelam uma dupla componente: por um lado, a positiva, em que enunciam as características preferenciais e as mais apreciadas, por outro, uma faceta negativa, que se focaliza nas características rejeitadas e nos aspectos críticos. Estas avaliações revelam, de forma concomitante, tanto elementos de distanciamento como de

82 Consideramos apenas as quatro nacionalidades da Europa do Leste com um maior número de estrangeiros. Em 2004, existiam em Portugal 264.222 estrangeiros com AR's (Autorizações de Residência) e 183.832 com AP's ou títulos de permanência (total concedido entre 2001 e 2004). Em 2008, o número de estrangeiros legalmente residentes quase duplicou, registando-se a presença de 440.277 indivíduos. Observa-se, contudo, um decréscimo no quantitativo de ucranianos, com 52.494 residentes, e de russos, com 6.194 indivíduos, enquanto os brasileiros constituem, desde 2007, o contingente mais numeroso, com 106.961 efectivos. A Autorização de Permanência foi um mecanismo legal criado pelo Decreto-Lei n.º 4/2001, de 10 de Janeiro, que autorizava a permanência de estrangeiros que se encontravam em Portugal, não titulares de visto adequado, mas que reunissem as seguintes condições: a) ser titular de contrato de trabalho ou proposta de contrato de trabalho com informação favorável do IDICT; b) não ter sido condenado por sentença transitada em julgado em pena privativa de liberdade de duração superior a seis meses; c) não ter sido sujeito de afastamento do país e se encontre no período subsequente de interdição de entrada em Portugal; d) não estar indicado para efeitos de não admissão no âmbito do Sistema de Informação Schengen por qualquer das partes contratantes; e) não estar indicado para efeitos de não admissão no sistema de informações do SEF. Em 2003 a nova lei da imigração revogou o regime das AP (Decreto-Lei nº 34/2003, de 25 de Fevereiro). A Autorização de Residência não tinha limite de validade, mas devia ser renovada de cinco em cinco anos ou sempre que se verificassem alterações nos elementos de identificação pessoal. Apenas podiam requerer este título os estrangeiros que residiam legalmente em Portugal há, pelo menos, cinco ou oito anos, conforme se tratava, respectivamente, de cidadãos dos PALOP ou de outros países e que durante esse tempo de residência não tenham sido condenados, por sentença transitada em julgado, em pena ou penas que, isolada ou no seu conjunto, ultrapassem um ano de prisão. Ver DL Nº 34/ 2003, de 25 de Fevereiro.

proximidade face à maioria. Mas, como veremos, são possíveis múltiplas avaliações, algumas até de carácter ambivalente e inconsistente.

Em síntese, vamos privilegiar a dimensão representacional, nomeadamente, e num primeiro momento, a forma como os grupos em análise (o Nós ou o Eu) percebem a sociedade maioritária e, num segundo momento, posicionando-nos na perspectiva do Nós, como é que os imigrantes russos e ucranianos pensam que a maioria os representa. A este propósito, retoma-se a importância da cobertura na imprensa que conferem aos imigrantes e minorias étnicas não migrantes. Em estudos efectuados recentemente em Portugal constata-se que o tema do crime é aquele que justifica uma mais ampla cobertura por parte da imprensa sempre que faz referência a estes grupos (Cunha *et al.*, 2004: 93). Procurou-se perceber e apreender as percepções que os imigrantes russos e ucranianos constroem relativamente às mensagens que são difundidas pelos média sobre si próprios. Dado o desconhecimento, ignorância e vazio relacional entre a maioria e algumas minorias, é de pressupor, na óptica dos entrevistados, que a transmissão de mensagens e imagens com um conteúdo desfavorável só poderá ter um impacto contraproducente nos públicos de recepção. Não será assim irrelevante o papel dos média na construção de preconceitos nem na criação de condições para a activação de reacções comportamentais e emocionais negativas face aos imigrantes russos e ucranianos. Deste modo, procura-se averiguar quais os reais e profundos efeitos das notícias junto dos grupos “difamados”. Será que resistem a estes estereótipos? Ou será que incorporam o estigma e o confirmam nas suas práticas?

1. O confronto com a alteridade: percepções dos imigrantes face à sociedade portuguesa

As opiniões e percepções face à sociedade de acolhimento divergem consoante o património de experiências sociais que estes indivíduos vão acumulando ao longo da sua estadia entre nós. Tendencialmente, aqueles que tiveram experiências positivas, foram bem acolhidos e que usufruíram de apoios, a priori tendem a manifestar uma opinião mais favorável do que quem vivenciou experiências essencialmente negativas, como a exploração por parte do empregador (ou “intermediários”), o desemprego (temporário ou de longa duração) e a perda de alojamento (e consequente, residência na rua como sem-abrigo).

Para aqueles cuja vinda para Portugal é um projecto temporário, com um tempo bem delimitado, ou seja, que vieram para trabalhar por pouco tempo e amealhar algum dinheiro, de molde a melhorar a sua situação e regressar ao seu país de origem, é-lhes difícil reflectir e questionar a sociedade de acolhimento, já que as suas preocupações centrais parecem ser outras. Claro que os que vieram com projectos de curto prazo e que acabaram por ficar, ou aqueles que trouxeram a família para aqui permanecer a médio e longo prazo, tendem a manifestar uma avaliação mais aprofundada, mais comprometida e, eventualmente, mais favorável para com a sociedade de acolhimento.

1.1. Breve retrospectiva sobre os modos de acolhimento e aceitação na sociedade receptora

O regime jurídico de cada Estado deixa bem clara a distinção entre cidadãos nacionais e não nacionais. A soberania dos Estados actua como mecanismo de inclusão e simultaneamente de exclusão, pelo que, “os cidadãos estão dentro, os imigrantes ficam excluídos.” (Checa, 2002: 99). Para Checa, no Ocidente a condição de cidadão aparece essencialmente associada à condição de nacional (fruto da ideia de soberania estatal). Por isso, o autor conclui que a cidadania é um conceito de “clausura”, ou seja, uma categoria de fechamento social. No entanto, e inclusive em contexto nacional, já se operaram importantes mudanças ao nível da extensão dos direitos, principalmente aos estrangeiros residentes.

Para a maioria dos imigrantes entrevistados, a sociedade portuguesa tem uma opinião positiva e favorável face ao grupo socialmente conhecido e designado pela maioria como “imigrantes de Leste”.

Natacha é ucraniana, tem 37 anos e observa com agrado a abertura e disponibilidade manifestada por muitos portugueses que gostam de:

“[...] ensinar qualquer coisa, explicar, mostrar, ir mostrar até que, pronto, saem e vão mostrar onde é que é o sítio [...]” (regularizado, ens. superior, quadro técnico, intelect. e científico).

Alguns dos interlocutores estão bem cientes de que a positividade com que são aceites em Portugal se prende, essencialmente, com a necessidade de satisfação das carências de mão-de-obra em sectores pouco prestigiados do mercado de trabalho. Igor tem 30 anos, nacionalidade russa, e afirma que a boa aceitação de que gozam se deve ao facto de tendermos a comparar e até a encontrar semelhanças entre estes fluxos migratórios e os emigrantes portugueses que nas décadas de 60 e 70 tiveram que deixar Portugal para irem trabalhar para alguns países europeus. Os entrevistados reparam que a receptividade é maior entre aqueles que já vivenciaram experiências de emigração. Neste contexto, Igor reproduz o que já ouviu da parte de alguns portugueses:

“[...] nós compreendemos a vossa situação porque nós também já fomos emigrantes. A minha experiência pessoal foi positiva.” (30 anos, nac. russa, não regularizado, 11 anos escol.).

Mas é sobretudo como trabalhadores que estes imigrantes são apreciados pelos membros da sociedade de acolhimento. Mesmo em comparação com outros grupos migrantes, os entrevistados não têm dúvida que as suas qualidades e capacidades de trabalho os superiorizam face aos demais. Estas qualidades que os entrevistados acham que a maioria lhes atribui aproximam-se muito das características que os próprios interlocutores se auto-atribuem, como atributos positivos. Os imigrantes entrevistados destacam o facto de serem reconhecidos como bons trabalhadores (executam bem o trabalho e trabalham com mais rapidez), executam mais horas de trabalho, contribuem para as finanças e segurança social do país de recepção e detêm uma boa formação escolar. Pedro ressalta os níveis de educação e de escolaridade dos imigrantes russos e ucranianos, comparativamente a outros imigrantes:

“Eu acho que há uma melhor opinião sobre os imigrantes de leste do que sobre os africanos, porque somos mais civilizados, não acha que é assim? Tem que concordar comigo? Somos mais educados, temos mais estudos, temos outra cultura.” (25 anos, nac. ucraniana, não regularizado, 9 anos escol., trabalh. não qualific. da indústria e da construção, detido).

Os portugueses, principalmente os empregadores, parecem apreciar a elevada formação escolar destes imigrantes, a sua dedicação e gosto pelo trabalho, assim como a sua elevada produtividade. Dima salienta que esta opinião é manifesta entre empregadores e chefias, afirmando:

“Eu uma vez quando falei com um engenheiro lá em Lisboa por causa do meu trabalho, eu disse assim «sabe uma coisa, eu acho que o português já precisa um sangue novo»; ele disse assim: «e acho que é bom, porque vocês chegaram cá e vocês têm uma coisa boa, o vosso método de trabalho é bem diferente; vocês chegaram aqui e há muitas pessoas formadas e aqui, tenho pena mas não há muitas pessoas formadas» [...]” (28 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, regularizado, operário da indústria e construção).

Estes trabalhadores parecem revelar outras características, como uma elevada disponibilidade para o trabalho e uma maior propensão para a mobilidade, nomeadamente geográfica. Vladislav acrescenta outros atributos positivos:

“Porque mais disponível, pode trocar o sítio [...]. Mais disponível para fazer qualquer tipo de trabalho e trabalha bem porque se trabalhador bem, se pessoa boa, se chegou cá para ganhar, o objecto dela é trabalhar mais para ganhar mais. Trabalha sábados, domingos, férias, feriados. Tudo o que é preciso.” (29 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

Com o seu trabalho, os imigrantes russos e ucranianos têm ajudado a reequilibrar os activos do Estado, contribuindo para a segurança social e também para as finanças, o que não passa despercebido aos próprios. Nicolai evidencia as lacunas que vieram colmatar, para além de ocuparem lugares no mercado de trabalho rejeitados ou não procurados pelos trabalhadores nacionais, têm contribuído, ainda, para o rejuvenescimento da população em geral e principalmente da população activa. Assim:

“Por exemplo, nós trabalhamos e pagamos no Estado, não é, pagamos todos meses segurança social caixas e todos essas coisas. Se nós vamos sair...o país também perde esses dinheiros; muito perder porque portugueses trabalha muito fora de Portugal e ficam mais velhos, pessoas que não trabalham, só recebem segurança social e nós fazemos bom para você. E porque aqui nós entramos pessoas da 20 anos até 35, 40, só trabalhamos.” (33 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, operário da indústria e construção).

O facto de estes imigrantes aceitarem trabalhar por baixos salários permite ao empregador gerar mais valias, o que é um dos motivos acrescidos para a sua maior procura no mercado de trabalho. As vantagens para os empregadores e para o Estado são evidenciadas por Nina, ao declarar:

“Os portugueses sabem que aos ucranianos podem pagar menos. Muitos imigrantes traz mais riqueza, pagam a segurança social e contribuem para o desenvolvimento do país.” (40 anos, nac. ucraniana, regularizado, 10 anos escol.).

QUADRO 5.1

Qualidades mais apreciadas pela sociedade de acolhimento

Qualidades hetero-atribuídas pela maioria*	N
Bons trabalhadores	10
Boa formação escolar	5
São mais mal remunerados	4
Contribuem para a segurança social e para as finanças	5
Inteligentes	3
Trabalham mais	7
Maior disponibilidade e mobilidade	1
Honestos	1
Fazem o trabalho que ninguém quer	1
Beleza das mulheres	3

* Resposta múltipla

Algumas mulheres assinalam que os homens nacionais apreciam particularmente a “beleza” da mulher russa e ucraniana. Tatiana afirma:

“Isso já ouvi falar. Normalmente os homens dizem: são bonitas, são trabalhadoras.” (nac. ucraniana, 24 anos, regularizada, 10 anos escol.).

Mas perante o “estranho” e o “desconhecido” é também comum emergir a tendência para a construção de preconceitos e estereótipos sobre a “estranheza” e a “diferença”. Sergey é ucraniano e recusa as representações estereotipadas excessivamente redutoras, tendo por base apenas um mero exercício quantofrénico:

“For example, os chineses tem lojas. Muitos chineses a vender, outras trabalha. Brasileiros trabalha restaurantes, café e na outras; ucranianos trabalha na building, nas limpezas, sim, sim. Esta outra coisa. Esta é estatística.” (43 anos, não regularizado, ens. superior, desempregado, à procura emprego).

1.2. O “olhar” da sociedade de acolhimento a partir dos média

Para estes entrevistados, a comunicação social tem um papel fundamental na construção social de representações sociais negativas sobre o seu ingroup. A maioria não tem dúvidas de que a informação depreciativa veiculada pelos média tem um impacto não negligenciável na construção de opiniões sociais sobre estes imigrantes. Os cidadãos portugueses tenderão a manifestar um receio cada vez maior em contactar com os imigrantes, já que, segundo Vladimir:

“[...] eles vai dizer: «já conhece ucranianos, não acredito neles, não tenho confiança» [...]” (34 anos, nac. russa, regularizado, ens. médio, desempregado).

Anna reconhece que, com facilidade e ligeireza, a sociedade maioritária tende a generalizar atributos e condutas transgressoras, atribuídas aos grupos minoritários e a considerar:

“[...] depois, tudo mau.” (26 anos, nac. russa (cidadania ucraniana), regularizada, ens. superior).

Viktor é um dos poucos entrevistados que relativiza e desvaloriza o poder dos média. Na sua perspectiva, o impacto nefasto das notícias desfavoráveis sobre os imigrantes é momentâneo e efêmero. Muito rapidamente, as pessoas apagam da sua memória ou esquecem tais acontecimentos. O entrevistado declara:

“Portugueses dizem: «olha ucranianos, não gosto, eles fazem mal»; mas depois passa algum tempo e está tudo bem. No Carrefour sempre brincamos: «olha tu mataste»... quando algum ucraniano matou...; ao pé do restaurante morreu um português com faca e disseram que fui eu e estavam a brincar comigo – «és tu, tu foste matar aquele gajo...», há portugueses que fazem mal também, fazem muito mal, pra nós também, mesmo [...]” (20 anos, nac. ucraniana, regularizado, 10 anos escol., empreg. da administração, comércio e serviços).

Os entrevistados estão bem cientes de que, em torno dos principais grupos imigrantes com presença entre nós, se constroem imagens estereotipadas, redutoras e depreciativas. Em particular, no caso dos “imigrantes de Leste”, estes aparecem associados à criminalidade violenta e organizada, nomeadamente a práticas ilícitas, como o tráfico de mão-de-obra, a prostituição e a extorsão. Os entrevistados sublinham que sobre os “estrangeiros de Leste”, os eventos noticiados pelos média, geralmente, os interligam a este tipo de práticas.

As representações são classificadas por alguns entrevistados como uma espécie de “mitos”, que estão já bem ancorados no imaginário colectivo das populações residentes, sobretudo nos centros urbanos. Para Vladislav, as populações que residem no interior do país parecem não se deixar influenciar no seu pensamento e acção por estes “mitos urbanos”, até porque a fixação e a concentração de imigrantes nestas zonas é ainda um fenómeno recente, tendo menor volume e menos visibilidade. Nestes locais, a percepção que os autóctones constroem sobre o imigrante é fundada, em grande medida, no conhecimento interpessoal e na experiência relacional e face-a-face, sendo mais imune à corrosão por parte do ruído informativo veiculado pelos média. O entrevistado sustenta que:

“Isto nas aldeias, talvez nos zonas mais interior do país, as pessoas viviam sem isso e só começaram a encontrar-se com imigrantes há bocado. Não têm imagens e eles fazem sua imagem de imigrante de pessoa o qual encontra. Se entra sempre em contacto com pessoa bom, então bom. Entra em contacto com pessoa má, má imagem.” (29 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

Os próprios entrevistados estão bem cientes da deterioração da sua imagem pública, em virtude da criminalidade protagonizada por grupos criminosos, publicamente identificados como pertencendo à Europa de Leste. Quando há referências aos “imigrantes de Leste” nos média, a tendência é para que surjam como actores perpetradores de crimes. Para os entrevistados há na sociedade de acolhimento uma clara tendên-

cia para o exagero, para o excesso de “ruído” e para a ênfase da zona de proveniência dos agressores, quando estes são oriundos dos países do Leste da Europa. Danilo assinala que “quando por exemplo rouba um ucraniano mostra todos os televisão, rouba, rouba... canal um, canal dois, aparece em todos [...]” (46 anos, nac. ucraniana, regularizado, casado, ens. superior, desempregado). Inna faz alusão à rápida e fácil propagação de tais notícias que envolvem estes imigrantes, alegando que “quando são russos, ucranianos, moldavos sim, todos... todo o Portugal sabe.” (38 anos, nac. russa, regularizado, ens. médio).

O evento que os meios de comunicação social mais propagaram sobre estes imigrantes prende-se com um homicídio perpetrado durante o Euro 2004, por um alegado nacional de um dos países da Europa de Leste, sendo a vítima um adepto inglês. Porém, a veracidade da notícia transmitida à exaustão pelos média, suscita entre os entrevistados sérias dúvidas e algumas reservas. Oxana conhecia o suposto homicida e tem dificuldades em aceitar que ele tenha sido capaz de cometer tal acto, argumentando que estava a ser alvo de acompanhamento médico e técnico por parte de uma ONG. A entrevistada revela:

“[...] É difícil acreditar, é difícil acreditar porque eu fui ao Lumiar e gente me disse que ele foi acompanhado pela JRS, mas pelo nome eu não conheço, mas pela cara, mas as meninas do JRS dizem que ultimamente ele andava muito deprimido, andava em baixo, teve qualquer problema de saúde, não sei quê, foi ao médico, e médico receitou qualquer comprimidos... Acho que neste estado... não podia, não podia matar com faca, apontar no coração com a força, para mim difícil de, de, de... aceitar isso e de perceber.” (41 anos, nac. russa, não regularizado, ens. superior, trabalh. não qualific. dos serviços).

Mas entre os entrevistados emerge também o argumento de que os média não foram completamente rigorosos na divulgação de informações relativas à identidade nacional do suposto homicida, o que para os entrevistados não é algo de irrelevante. A informação veiculada foi a de que o indivíduo era ucraniano, mas Anton contraria tal tese, alegando que:

“[...] disseram que era ucraniano, mas não tinha passaporte e o apelido dele não é como tem ucranianos. É outro apelido.” (37 anos, nac. ucraniana, não regularizado, ens. superior).

Para a comunicação social e seus profissionais, a verdadeira nacionalidade do agressor é algo de irrelevante. A partir do momento em que o indivíduo é identificado como originário de uma região da Europa ainda pouco conhecida entre nós, é natural que se depreenda de forma errónea que o indivíduo só poderá ser ucraniano, até porque os ucranianos são o grupo estrangeiro provindo desta parte da Europa mais numeroso em contexto nacional. Contudo, a identificação da nacionalidade do alegado homicida não é algo de indiferente e insignificante para os entrevistados, dadas as diferenciações e clivagens sócio-culturais existentes intra e entre os vários grupos imigrantes provenientes desta parte da Europa. Vladimir clarifica as origens nacionais do suposto indivíduo, atribuindo-as a alguém originário do Cáucaso, ou seja, a um indivíduo oriundo de uma região que assume uma conotação negativa para os imigrantes, nomeadamente russos. Assim, o entrevistado esclarece que:

“[...] disseram que este foi ucraniano, mas não isso, foi de algum país Cáucaso ou qualquer coisa... Cáucaso é o Cáucaso, eu também não gosto deles. Pessoas mais perto de Iraque, Irão [...]” (34 anos, nac. russa, regularizado, ens. médio, desempregado).

Contudo, e ao longo da sua breve permanência entre nós, os imigrantes registam uma evolução positiva, no que se refere ao fluxo de notícias e ao seu conteúdo quando o destaque é conferido a estes imigrantes. Os entrevistados entendem que, entre 2000/01 e 2004, o afluxo de notícias desfavoráveis decresceu e conseqüentemente a sua imagem mediática afigura-se-lhes como menos negativamente conotada. Esta percepção parece ir de encontro à constatação efectuada por Cunha *et al.* (2004: 106), que referem que o grupo com maior destaque na imprensa em 2003 é “a comunidade brasileira que, precisamente, em 2003, passou a ser a maior em Portugal, ultrapassando a ucraniana e a cabo-verdiana, sobretudo no período extraordinário de legalização, concluído em Dezembro”.

Parece consensual entre os entrevistados que, num espaço temporal de 4 anos, se tenha registado uma diminuição da criminalidade noticiada pelos média, assim como dos sentimentos de medo que estes imigrantes suscitavam na sociedade envolvente. Alguns dos interlocutores consideram que tal facto se deve a um real decréscimo dos delitos praticados pelos imigrantes, em virtude da existência de uma acção mais eficaz por parte das forças policiais, nomeadamente do SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras). A este propósito, Sergey avalia positivamente a actuação das forças de segurança, ao salientar que:

“[...] para algumas pessoas há alguns problemas com a criminalité da Ucrânia, mas agora não. Agora a polícia de Portugal parou com estes problemas.” (43 anos, nac. ucraniana, não regularizado, desempregado).

A diminuição deste tipo de criminalidade violenta é realçada por Danilo, que salienta o desaparecimento da acção intimidatória exercida por grupos que chantageavam e exerciam actos de extorsão sobre os seus conterrâneos, ao dizer:

“Eu penso que antes... agora já este tema máfia já passou porque eu moro cá já três anos mas não tinha problema com máfia, nada, antes na Pontinha uma vez um russo fala olha é preciso ajudar aqui na prisão há máfia russa, há máfia e precisa ajudar, precisa pagar por exemplo cinco euro por mês. Ele disse precisa ajudá-la lá dentro, para fumar, para outras coisas. E algumas o quê? Amanhã, encontramos amanhã aqui, fazemos reunião e amanhã um grupo aqui, um grupo aqui e batemos, só uma vez.” (46 anos, nac. ucraniana, regularizado, casado, ens. superior, desempregado).

Leonid está em Portugal desde 1997 e realça que desde 2001 se nota uma atitude geral de carácter mais favorável face à presença dos imigrantes em Portugal, nomeadamente por parte dos canais de televisão, sublinhando que até surgiram programas televisivos consagrados de forma especializada a temáticas ligadas à imigração (40 anos, nac. russa/cidadania ucraniana, regularizado, ens. superior).

Os entrevistados denotam, contudo, por parte da imprensa uma atitude oposta, ou seja, de carácter desfavorável face à imigração. Nesta sequência, Leonid sublinha que:

“[...] os jornais são diferentes, e muito, por exemplo, Correio da Manhã quer dizer o jornal maravilha, mas os crimes, alguma coisa ucraniana, russa, do pessoal de leste está aqui plantado, mesmo... quer dizer, foi; mas alguma coisa das boas? Nada.” (40 anos, nac. russa (cidadania ucraniana), regularizado, ens. superior).

Os sujeitos entrevistados salientam que alguns sectores da imprensa nacional tendem a transformar os imigrantes em “bodes expiatórios”, o que na óptica de alguns pode até gerar alguma tensão e conflitualidade no país de acolhimento. Neste contexto, e situando-se num segmento minoritário de entrevistados, Viktor declara abertamente que a comunicação social tem também mostrado eventos positivos associados a estes imigrantes, destacando o seu papel na divulgação de algumas das suas tradições religiosas, assim, declara que:

“[...] Por exemplo, este ano, mostraram a nossa Páscoa na igreja, não sei, não viu, na RTP2, com um padre português de Almada, ele sempre ajuda nós ucranianos e sempre a pedir apoio...Páscoa é uma festa em que todas as pessoas vêm de todo o Portugal para Lisboa e há muita gente, muita gente.” (20 anos, nac. ucraniana, regularizado, 10 anos escol., empreg. da administração, comércio e serviços).

Tatiana é ucraniana e assinala que, para os portugueses, a associação dos nacionais dos países de leste à “máfia” é quase uma espécie de automatismo:

“Ah, máfia. Está sempre a pensar que é máfia.” (24 anos, regularizado, 11 anos escol., empreg. da administração, comércio e serviços).

Na sua grande parte, os entrevistados não duvidam de que são os “imigrantes de Leste” os que têm pior imagem pública entre os vários grupos imigrantes co-presentes na sociedade portuguesa, devido à associação excessivamente redutora entre migração de Leste e “máfias de Leste”. Os interlocutores lamentam que, raramente, se noticiem eventos em que se demonstre que são os imigrantes as próprias vítimas da violência perpetrada pelos seus concidadãos, e não os cidadãos portugueses. Nicolai refere a acção dos grupos que praticam formas de criminalidade violenta sobre os seus conterrâneos, mas cujo campo de acção tem vindo a ser cerceado, revelando:

“[...] nós entrámos primeiro e também com muitas coisas mal, mafiosos, ucranianos. Eu sei muita gente foi preso ou foi para terra, para a Ucrânia, eu sei que eles passou mal.” (33 anos, nac. ucraniana, regularizado, operário da indústria e construção).

Efectivamente, alguns dos entrevistados recorreram ao apoio dos “intermediários” ou “engajadores de mão-de-obra” que, a troco de alvissaras (em dinheiro, outros valores materiais, relações de extrema dependência e subordinação), faziam a mediação entre trabalhador e empregador, assegurando a contratação de alguns trabalhadores imigrantes. Não raro, aqueles que recorriam a estas modalidades de intermediação viram-se envolvidos numa teia de relações de exploração e de dependência, já que alguns destes agentes estavam ligados a organizações criminosas com uma certa dimensão e complexidade e cuja forma de actuação era muito violenta e marcada por um elevado grau de perigosidade (por exemplo, ameaças de morte ao próprio e aos seus familiares, sujeição a sevícias físicas, entre outras práticas); outros “intermediários” actuavam a uma outra escala, essencialmente no seio de pequenos grupos de extorsão, que sob coacção física e psicológica extorquiam dinheiro ou outros valores (objectos de valor, passaporte...) aos imigrantes.⁸³ Os intermediários arranjaram trabalho a pelo menos dois entrevistados do sexo masculino e ao marido de uma das entrevistadas; no entanto, também lhes criaram problemas inesperados: ou ficaram sem documentos e passaporte, ou foram alvo de despedimento sem justa causa, ou então não lhes foram pagas as horas de trabalho. Dima retrata o quadro de relações de exploração que facilmente se estabelecem entre imigrantes e grupos de extorsão:

“Não, eu não tinha cá ninguém porque naquela altura era já o envio de pessoas... as pessoas pagam para arranjar trabalho, eu também fui por esse caminho, paguei para arranjar trabalho e também arranjei muitas confusões para a cabeça. Tive problemas como vocês ouviram na televisão, se calhar aquilo tipo máfias, aquelas coisas todas, porque foi mesmo isso que as pessoas contaram. Fiquei sem trabalho, também fiquei sem dinheiro, não pagaram para nós, ainda por cima fiquei sem passaporte porque na situação que me puseram não tinha...digamos assim, roubaram-mo [...].” (28 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, regularizado, operário da indústria e construção).

Mas a prática mais comum à chegada, nomeadamente para os que já cá tinham amigos e conhecidos, era recorrerem ao seu apoio. No entanto, e principalmente para os que entraram em Portugal antes de 2001, a prática mais recorrente mas nem sempre verbalizada era o recurso a um intermediário, geralmente nacional dos países da Europa de Leste e que já conhecia a língua portuguesa, bem posicionado no sector informal da economia, movimentando-se com facilidade numa vasta teia de relações (entre empregadores e outros agentes). Para aqueles que chegavam sem documentos e sem visto de trabalho, esta era a via mais fácil para acederem ao mercado de trabalho. Embora este constitua um assunto sobre o qual os entrevistados mostrem alguma reserva, alguns confessam abertamente ter recorrido aos serviços prestados por via informal e à margem da lei por estes operadores. Vladimir tem 34 anos, chegou a Portugal em 2000, tendo no acesso ao seu primeiro trabalho beneficiado da mediação de um destes agentes. Conta que se sujeitou a

83 Jean Ziegler (1999: 299) discute de forma desenvolvida esta questão, esclarecendo que estas organizações são altamente hierarquizadas, supondo-se que os pequenos “bandos de chantagistas”, assim nomeados pelo autor, situar-se-ão na base do crime organizado, cometendo crimes pouco visíveis, ou seja, geralmente perpetrados na sombra, na clandestinidade já que “odeiam a luz do dia”.

condições extremamente penosas e que posteriormente foi despedido sem direito a qualquer retribuição. Foi um alvo fácil de exploração e extorsão, perpetradas quer pelo intermediário, quer pelo próprio empregador. Retrata com pormenor como foi despedido e acabou por ir viver na rua:

“Então, contactaram com outra pessoa e ele diz «vamos arranjar trabalho, temos outro patrão» e depois conhecemos aquela pessoa e eles, não há contrato, naquela altura não há nenhum contrato, só ilegais e trabalhámos por uma semana trabalhos muito esforçado, saímos de casa às 6 da manhã e saímos de casa às 10, às 10 da noite. Muito difícil, muito pesados e passou uma semana ele passou lá, «você trabalha mal, eu vou arranjar pessoas mais fortes» e deixou para a rua [...]. Mas quando eles mandaram-nos embora, meu e meu amigo, eles não dá para nós passaporte, eles não dá nenhum dinheiro e nós ficávamos na Leiria, passar um noite na rua perto de polícia e eu acho que pessoas foi brutais.” (nac. russa, regularizado, ens. médio, desempregado - trabalh. não qualificado da indústria e construção).

Entre os imigrantes entrevistados e que se encontram em reclusão prisional, 4 revelaram ter estado envolvidos em actividades que são legalmente classificadas como “auxílio à imigração ilegal”. Tais actividades são subjectivamente percebidas pelos indivíduos em causa como socialmente úteis e legítimas, servindo para “apoiar” muitos conterrâneos que vão chegando, sem apoio de redes sociais não instrumentais.

As razões da atractividade de Portugal sobre estas correntes imigratórias são de ordem puramente pragmática e funcional; alega-se o pouco rigor e a flexibilidade das leis que regulam os fluxos migratórios, assim como a pré-concepção induzida pelas agências turísticas de que Portugal praticava elevados níveis salariais e de que a breve prazo iria instaurar um processo de regularização para imigrantes (motivo apontado por 4 entrevistados). Andrey declara que esta foi a razão que o trouxe ao nosso país:

“As pessoas disseram que eu podia fazer legalização em Portugal. Quem me disse foram as pessoas que venderam a viagem na Ucrânia e depois eu estive primeiro em Madrid e depois encontrei lá pessoas que me disseram que Portugal ia fazer legalização e vim para o Porto.” (26 anos, nac. ucraniana, não regularizado, ens. superior, desempregado, detido).

Estas agências tiveram um papel fundamental na vinda de um número inesperado de indivíduos da Europa Central e de Leste, e parece mesmo ter havido um surto destes operadores entre 2000 e 2001. Pavel tem 29 anos, é ucraniano, e reconhece a rentabilidade associada a este fenómeno, que não era mais do que “uma forma fácil de ganhar dinheiro”. Em alguns casos foram as próprias empresas a sugerir Portugal como destino. Portugal era uma espécie de “*el dorado*”, os imigrantes chegavam cá com expectativas muito elevadas e irrealistas de que facilmente encontravam trabalho e que o salário médio rondaria os 1000 e os 1500 euros mensais. Natacha alega mesmo que estas agências faziam publicidade enganosa, veiculando informações relativas à existência de oportunidades fáceis de trabalho bem remunerado, o que gerava nos imigrantes expectativas elevadas e até irrealistas. A entrevistada revela:

“Naquelas firmas que organizam estas viagens, sempre dizem a toda a gente que «vocês só chegam lá e têm emprego, têm casa, emprego menos de 1000€ não pode ser...» Ah, sim. Então as pessoas de lá investem aquele dinheiro, pagam a viagem e depois chegam cá e vêem a realidade aqui... não é assim... E nem sempre conseguem emprego logo. Tem que se esperar ou vêem aquelas máfias que tem que se pagar ainda a máfia. Ainda acontece ou pagam 300, ou enfim 300, 400, 500 mais... senão eles vêm todos os meses. Sabem onde trabalham mais, onde estão concentrados, onde vive [...]” (37 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, quadro técnico intellect. e científico).

Alguns dos entrevistados queixam-se de terem sido enganados pelas “firmas turísticas” que, geralmente, vendiam um “pacote” composto pela viagem, visto e pelo contacto de um angariador de trabalho; em alguns casos já estava incluída a própria oferta de trabalho. Leonid confessa que foi enganado pelo intermediário que tinha por incumbência encontrar-lhe um posto trabalho, o que não chegou a concretizar-se:

“Uns disse que possa ganhar dinheiro e há aqui muito trabalho...e por isso elas traz-me para cá e elas diz-me lá que elas arranjar-me trabalho cá. Por isso eu tinha que pagar 350€ ... para elas que elas arranjar-me trabalho. Deixar-me cá ao pé do aeroporto ...Deixaram-me lá e não arranjam trabalho. Só diz-me que esse homem, o tal preto, um homem preto, que ele dá para ti trabalho. Mas depois ele saiu. Durante duas semanas eu não vi dele... e depois sozinho encontrou trabalho.” (37 anos, nac. ucraniana, não regularizado, ens. superior, trabalh. não qualific. da indústria e da construção).

Embora o custo do visto e do bilhete para a viagem não fossem propriamente dispendiosos, os pagamentos que eram necessários efectuar aos agentes que intervêm no processo, nomeadamente aqueles que põem em prática os estratagemas que permitem aos nacionais dos países da Europa de Leste uma entrada regular no espaço Schengen e noutros países da UE, representavam um valor significativo. Alguns dos entrevistados assinalam que compraram o tal “pacote” (viagem, visto e proposta ou contacto de trabalho) por preços situados entre os 1000 e os 1100 euros.

Importa referir que as vagas migratórias providas por exemplo da Ucrânia devem-se em grande medida ao desenvolvimento e consolidação de “*informal networks*” entre a origem e os locais de destino. Malynovska (in Baganha e Fonseca, 2002: 21) nomeia estas estratégias que poderão assumir configurações diversas: “*Job searches, house hunting, travel arrangements and receiving an invitation to come to a destination country...*” Essas redes são dinamizadas por actores que actuam nos “bastidores da vida social”, de uma forma bem organizada, ainda que actuem na clandestinidade ou na semi-legalidade.

Outros aspectos que parecem ser realçados por alguns órgãos de informação correspondem às associações entre islamismo e terrorismo e, também, entre “máfias de leste” e terrorismo.

Zina tem cidadania russa, diz que é tártara e muçulmana e revela que já sentiu desconfiança quando afirma a sua identidade muçulmana. Assim, evita identificar-se como tal:

“[...] porque as pessoas ficam assustadas. Eu já digo primeiro nacionalidade, muçulmana ‘não, não quero’. Depois muçulmana tudo terrorista.” (45 anos, regularizado, ens. superior, desempregada (trabalh. não qualific. dos serviços)).

Publicamente, tende a apresentar-se primeiro como cidadã russa e só depois como tártara e/ou muçulmana.

Boris mostra-se indignado com uma outra associação de ideias reportada pelos órgãos de comunicação social e que interliga a “máfia de leste” ao terrorismo, dizendo que:

“[...] o Canal 1 mostrou no outro dia a Ministra da Justiça a falar de terrorismo e dizia que a máfia de leste é financiada com dinheiro do terrorismo.” (25 anos, nac. russa (etnia tchetchena), não regularizado, desempregado, detido).

Ainda a este respeito, Sergey sustenta que máfia não é o mesmo que grupo ou associação criminosa, afirmando claramente que em Portugal existem grupos criminosos, mas não existe “máfia russa”. O entrevistado esclarece:

“Eu gusta de termos correctos. Que é isto máfia? Máfia é corrupção de governo, parlamento e criminosos estruturas. Aqui no Portugal não há russa máfia porque não há a nossa deputadas no parlamento, não há a nossa deputada no governo. Isto não é máfia. Isto só bandido turma. Isto não é máfia.” (43 anos, nac. ucraniana, não regularizado, ens. superior, desempregado, à procura emprego).

Para Vladislav o rótulo não é mais do que um mito e um estigma que se criou e que não se fundamenta em evidências e factos. Dirigente de uma associação de imigrantes, refere que numa fase inicial do seu trabalho associativo, quando começou a ajudar os seus conterrâneos na procura de casa, foi importunado por grupos organizados que prestavam esse tipo de serviços. Vladislav conta como lidou com a situação:

“Não existe máfias como estrutura ou como os grupos. Só aconteceu os grupos criminais. A máfia também é organizada mas a máfia significa os contactos do Estado, dos polícias e não sei quê. Eu falo que criminal não tem nacionalidade... No início do meu trabalho também tive em contacto com aqueles pessoas, as quais viviam só através de empréstimo. Quando eu comecei a arranjar um prédio para pessoas gratuito. Não pede nada a ninguém nem de parte de empresa, ninguém. Só para pessoa não ficar na rua. Esta lá ocupado, se vens cá trabalhar, trabalha. Se não queres trabalhar, vai-se embora. Se fazes depois mal, vai a prisão. Assim, assim, assim. Também tive um encontro com eles. «Ah, tu fazes um trabalho, tu vais-me estragar a nossa competência». Desculpa lá, gente! Assim um bocadinho. Algumas conversas não é fácil. Depois trabalho SEF, depois trabalha PSP.” (29 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

Dimitri afirma que tais grupos criminosos e organizados são compostos por indivíduos com diversas pertenças nacionais, realçando a participação de cidadãos portugueses. Na sua perspectiva:

“[...] não tem máfia, só tem pequeno grupo que gosta de roubar e fazer mal e tem portugueses nesses grupos, mas quando prendem esses grupos só ficam presos os estrangeiros, não os portugueses.” (55 anos, nac. russa (cidadania ucraniana), regularizada, ens. superior, comércio e serviços, detido).

Em alguns casos, os média, mais do que informar, pretendem também julgar publicamente os suspeitos ou presos preventivos. A este respeito, Dimitri afirma ainda que, quando foi detido, a televisão noticiou:

“[...] que foi apanhado grande bandido e criminoso e que o Office foi fechado.” (55 anos, nac. russa (cidadania ucraniana), regularizada).

O entrevistado revela a sua insatisfação e o seu desalento, pois, os média comentaram e pronunciaram-se sobre o suposto crime, muito antes de os tribunais terem chegado a uma decisão.

Há quem ainda estabeleça uma relação directa entre o manancial de notícias negativas que vinham a público a propósito destes imigrantes e as orientações de carácter político que, entre 2000 e 2001, eram marcadamente desfavoráveis à imigração. Nicolai sustenta que:

“[...] se políticos gosta neste momento, para nós não mostra televisão, nos jornais.... Se políticos mudou e já não precisa de nós ou não sei quê, vai mostrar, vai fazer isso. Agora um ano atrás, dois anos atrás foi isso.” (33 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, operário da indústria e construção).

Nesta conjuntura, os imigrantes não esqueceram os discursos políticos que nessa altura foram amplificados pelos média e deixaram transparecer uma posição governamental favorável a uma política de imigração de carácter ainda mais restritivo face aos imigrantes do espaço não comunitário e não pertencentes à lusofonia.

Os imigrantes reparam com estranheza na escassez e até ausência de notícias em que os imigrantes são vítimas de acções violentas e discriminatórias por parte de alguns membros da sociedade de acolhimento. Vitali evidencia que os média não se preocupam com o imigrante-vítima, relembrando factos desta índole que nunca chegaram a ser amplamente publicitados:

“[...] quando estive na Madeira com bom patrão, bateu dois... não bateu, matou dois imigrantes; todos, ninguém não disse nada... se um estrangeiro matou pessoa de nacionalidade portuguesa, já está escrito na todos jornais, na televisão. (38 anos, nac. ucraniana, não regularizado, ens. superior, desempregado).

Leonid reconhece que existem grupos minimamente organizados e constituídos por portugueses que também se dedicavam a actividades ligadas ao auxílio à imigração ilegal e cujas actividades não são noti-

ciadas. O entrevistado contraria assim a ideia pré-concebida de que tais actividades são exclusivamente praticadas pelos imigrantes, esclarecendo:

“Agora havia algum caso com portugueses mas isto já eram grupos bastante elevados, que tratam dos papéis... foi também o caso de advogados que entram no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e começaram a fazer os vistos de residência, e essas coisas, mas isto já não, quer dizer é criminoso não é, mas não é o tal bruto como era eles enganava as pessoas, tiravam dinheiro.” (40 anos, nac. russa (cidadania ucraniana), regularizado, ens. superior, operário da indústria e construção).

Uma outra informação estigmatizante, que faz parte do estereótipo do “ser imigrante de leste”, é a dependência face ao álcool. É manifesto para estes imigrantes que há já um preconceito instituído entre os portugueses de que os imigrantes russos e imigrantes consomem bebidas alcoólicas em excesso. A este propósito, Oxana revela:

“Mas todo o mundo pensa assim, os russos bebem vodka, os portugueses bebem vinho do Porto.” (41 anos, nac. russa, não regularizado, ens. superior, trabalh. não qualific. dos serviços).

Vladislav classifica essa representação como mais uma quimera:

“Portugueses que tem cá os mitos de que imigrantes de leste bebe-se muito. Em Portugal imigrantes de leste bebe-se muito. Mas os portugueses bebe-se muito mais do que imigrante.” (29 anos, nac. russa, regularizado, empreg. da administração, comércio e serviços).

Os entrevistados declaram, contudo, que em Portugal algumas bebidas alcoólicas como o vinho têm preços relativamente baixos, comparativamente aos preços praticados no seu país, tornando-se num produto de fácil e mais amplo acesso. Danilo esclarece que a prática de consumo de álcool não pode ser especificamente atribuída aos imigrantes russos e ucranianos, tratando-se de uma prática culturalmente moldada e que é também observável entre os portugueses, embora se manifeste de forma diferente. Nota que os portugueses tendem a ingerir vinho durante as refeições, enquanto na Ucrânia o vinho é uma bebida pouco acessível, e, por isso, a maioria tende a consumir vodka, cuja ingestão antecede, geralmente, as refeições. Deste modo, Sergey procura desconstruir o preconceito e explica em que medida beber vodka é uma prática culturalmente condicionada:

“É um bocadinho diferente [...] primeiro bebe, depois come. Por exemplo na aldeia, por exemplo uma zona onde não há uvas ou outra coisa, bebe vodka. Às vezes, por exemplo em minha casa o que pode ser é por exemplo 50g vodka ao meio-dia, bebe 50, a primeira vez, copo pequenino, bebe, está pronto e me, mais nada. E também às vezes cá bebe vinho mais porque há mais vinho e pode...há muitos e mais barato, lá vinho é muito caro e pessoa não pode beber vinho assim uma vez por dia, cada dia porque é muito caro.” (46 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, desempregado).

Viktor faz alusão à associação entre alcoolismo e a adopção de comportamentos desordeiros em espaços públicos por parte destes imigrantes:

“Há vários ucranianos, que fazem mal e bebem e gritam e depois à noite cantam canções ucranianas e eles [portugueses] não gostam.” (20 anos, nac. ucraniana, regularizado, 10 anos escol., empreg. da administração, comércio e serviços).

Alguns dos entrevistados mostram-se preocupados com a má imagem que alguns imigrantes deixam transparecer para a sociedade de recepção, o que acaba por afectar a reputação social de todos. Acusam e responsabilizam sobretudo os seus conterrâneos, que se tornaram sem-abrigo e que exibem comportamentos socialmente reprováveis devido a um consumo excessivo de álcool. Vladislav faz alusão às práticas de rejeição e de censura exercidas pelos próprios compatriotas face a estas condutas:

“[...] e é assim, e às vezes, quando pessoas fica bêbada e sentou-se perto do mercado. Outros imigrantes foram «vai-te embora daqui. Tu vais-te sentar aqui. A gente passa e vê de ti e sobra para nós todos. Levanta-se e vai-te embora.»” (29 anos, nac. russa, regularizado, empreg. da administração, comércio e serviços).

Assiste-se, em paralelo, ao processo de negativização mediática que recai sobre o indivíduo imigrante e sobre os fluxos provenientes da Europa de Leste, assim como à difusão de uma imagem deturpada e deformada sobre as condições de vida e o nível de desenvolvimento destes países europeus. Os imigrantes manifestam-se descontentes com as informações pouco dignificantes que vêm a público, classificando-as como indignas, desprezíveis e que só os envergonham. Oxana é russa e considera que a televisão tem contribuído em muito para que, entre os portugueses, subsista ainda uma representação parcelar, fragmentada e desvirtuada sobre o seu país de origem. A entrevistada aponta os principais atributos que são manipulados pelos média:

“Por que é que muitos portugueses pensam que Rússia, é onde há gelo, não há praias, não há nada, a gente dá-se numa maneira tão activa que já ninguém dá-se assim, mas há uma maneira de pensar assim porque só isso passa na televisão porque, por exemplo, eles só mostram coisas más, miséria, assim fome, mas não há só isso [...]” (41 anos, nac. russa, não regularizado, ens. superior, trabalh. não qualific. dos serviços).

Zina chegou a Portugal em 2002 e refere que desde aí só ouviu notícias negativas sobre a Rússia. Reportam-se quase sempre a situações de conflito, destacando-se o terrorismo e a acção das máfias. (45 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior, desempregada).

Também relativamente à Ucrânia, é manifesta a persistência de uma representação redutora e restritiva, que suscita insatisfação e revolta entre os entrevistados. Pavel mostra o seu desagrado relativamente a uma reportagem que um canal privado de televisão transmitiu sobre o seu país de origem:

“No outro dia, a SIC fez uma reportagem em que acompanhava um imigrante de regresso à Ucrânia, e a SIC só deu coisas escuras – fábricas fechadas, carroças...aqui disseram-me o que é isso a Ucrânia? Nem carros, tem. Porque não mostrou coisas boas. Quando sair daqui, vou fazer um vídeo com imagens que a SIC não mostrou e vou mandar o vídeo para a SIC.” (nac. ucraniana, não regularizado, 29 anos, ens. superior, detido).

Na actualidade, parece haver uma dualidade nas imagens mais difundidas pelos média nacionais sobre estes imigrantes: exploram, por um lado, a imagem do imigrante “criminoso” e “mafioso”, e por outro, a do “coitadinho” e “desgraçadinho”. Pavel mostra a sua repugnância e indignação perante:

“...imagens de imigrantes a dizer: «senhora, nós somos pobres», não gosto disso.” (nac. ucraniana, não regularizado, 29 anos, operário da indústria e construção, detido).

De igual modo, Pedro responsabiliza a televisão pela divulgação de uma imagem desprezível e humilhante do imigrante:

“Diz que dormem no banco, andam na rua a pedir comida, estão a “chorar”. Ainda hoje deu uma notícia que eles andavam no supermercado a ver se encontravam comida entre o lixo, isto não é notícia de um telejornal. Mas cá isto é notícia? Não mostram coisas positivas, podia mostrar o dia a dia de uma pessoa normal, então aí os portugueses iriam abrir-se mais aos imigrantes.” (25 anos, nac. ucraniana, não regularizado, 9 anos escol., trabalh. não qualific. da indústria e da construção, detido).

Aquilo que tem notoriedade mediática não é apenas uma mera perspectiva sobre a realidade, mas sim uma distorção da mesma, gerando entre os entrevistados sentimentos de vergonha, e até ferindo o orgulho e a auto-estima dos nacionais da Ucrânia. Dimitri refere-se a imagens difundidas pela televisão, que desprestigiam e desvalorizam o cidadão imigrante:

“Quando a televisão mostra os ucranianos mostra coisas que não são bem assim, mostra pessoas a buscar comida no lixo no Lidl, isso é uma vergonha para nós; isso são 4 ou 5 pessoas que não querem fazer nada, mas Portugal pensa que tudo faz isso ou que eles fazem igual na Ucrânia.” (55 anos, nac. russa, cidadania ucraniana, regularizada, ens. superior, empreg da administração, comércio e serviços, detido).

Estes imigrantes destacam ainda o papel positivo da imprensa em língua russa que é publicada em Portugal e cujo número de títulos em contexto nacional tem vindo a multiplicar-se. Principalmente os jornais têm permitido aos imigrantes um acesso mais alargado, rápido e rigoroso à informação. Vladislav realça:

“[...] Há 2 anos atrás [2002] acho eu não estava nenhum jornal. Nenhum revista, nenhum jornal, nada. Tenho alguns jornais já em 2 línguas, em português e em russo. Tenho jornais de economia para estabelecer contactos cá entre os 2 países. Eu acho que eles fazem o seu trabalho bem. 3, 4 anos atrás quando eu estive lá não tenho nada de informação, nada, só mitos, só ouvidos, uns fala para outros. Agora transformou-se totalmente porque aqueles jornais começaram a explicar as coisas. Os factos, os erros, os... tudo.” (29 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

Os entrevistados notam diferenças significativas na cobertura de determinados eventos por parte da imprensa nacional em comparação com a imprensa em língua russa publicada em Portugal. Vladislav não tem dúvidas em afirmar que estes jornais são mais fiáveis e rigorosos porque “mostram a realidade” (29 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços). Danilo acrescenta que as notícias patentes nos jornais impressos na língua materna têm uma carga muito menos depreciativa e pejorativa, ao afirmar que “também na língua russa jornal menos negativa [...]” (46 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, desempregado). Face ao exposto, não parece despicinda a intervenção dos média nos processos de inculcação de estereótipos, bem como nos processos de construção da ideia do estrangeiro como uma possível “ameaça”, quer realista, quer simbólica.

1.3. Percepções da sociedade portuguesa: “a «ameaça» que vem do Leste”

No discurso dos média, à semelhança do que acontece no discurso popular, os imigrantes da Rússia e da Ucrânia aparecem geralmente incluídos na amálgama indistinta que é a categoria “imigrantes de Leste” ou ainda “ucranianos.” Muito raramente, estes imigrantes são nomeados pela comunicação social e pelo senso comum de acordo com a sua identidade nacional.

Estes imigrantes auto-comparam-se com outros grupos imigrantes e assinalam as virtualidades da imigração da Europa de Leste, comparativamente a outros fluxos. Com estes imigrantes, Portugal não tem que despender recursos na sua educação e integração educacional e profissional. Assim sendo, para Sergey, a imigração da Europa de Leste não constitui propriamente uma ameaça directa aos trabalhadores portugueses, dadas as suas elevadas qualificações e a sua maior predisposição para se adaptarem à sociedade de acolhimento. Por isso, só poderão constituir uma mais-valia para a economia portuguesa. O entrevistado não hesita em dizer:

“Como regra, imigrantes de países de leste são pessoas com boa educação, não são pessoas com má educação. Nossos países todas as pessoas têm nível secundária. Mas sistema de ensino secundário em nosso país é muito alta, quando comparado com o sistema na Alemanha, com o sistema na França. Mas isto é um problema só de educação, quando se compara com sociedade de africanos e de leste, este é muito grande problema – diferenças de educação. Quando pessoas de África chegam em Portugal elas exportam África para cá. Eles exportam de África a sua má educação, beginning to reconstruct here África, it's a very big problem.” (43 anos, nac. ucraniana, não regularizado, desempregado, à procura emprego).

Os imigrantes entrevistados observam que, nos últimos 3 anos, têm-se reforçado as opiniões e atitudes menos favoráveis por parte da sociedade maioritária face à presença dos imigrantes. Tal percepção tem por base informações a que os entrevistados têm acesso, sobretudo através da imprensa. Anastacia afirma que os jornais têm revelado uma atitude até de rejeição face aos estrangeiros em geral, pois viu “escrito no jornal que pessoa portuguesa já não querem viver com estrangeiros... Não escrito ucraniano, russo, português, só estrangeiros, brasileiros juntos, tudo, tudo, russos, ucranianos, angolanos, tudo isso.” (46 anos, nac. russa, regularizado, empreg. da administração, comércio e serviços). Mas, no local de trabalho e em espaços públicos, como na rua, na fila de espera dos transportes, no interior dos transportes públicos, os imigrantes entrevistados ouvem, por vezes, opiniões desfavoráveis face à sua presença.

Aqueles que foram e são os atributos mais apreciados pela sociedade maioritária podem também reverter-se em factores que podem gerar discriminação e exclusão. Os imigrantes confessam que estão dispostos a trabalhar por uma remuneração abaixo dos níveis salariais médios dos trabalhadores portugueses, estando bem cientes que este facto suscita desagrado e até reacções conflituosas por parte dos nacionais que tendem a perceber o imigrante como uma ameaça realista. Anatoli dá conta do descontentamento dos cidadãos nacionais, que tendem a culpabilizar os imigrantes, entre os quais os de “Leste”, responsabilizando-os pelos baixos níveis salariais e pela subida da taxa de desemprego. O entrevistado reproduz aquilo que escuta por parte da maioria:

“Muitos portugueses fala assim: «nós temos muitos imigrantes aqui e Portugal ficou sem trabalho; temos muitos estrangeiros: brasileiros, ucranianos, moldavos...; você rouba nosso trabalho...». Português não quer trabalhar por mil euros por mês. E ucranianos ou brasileiros ou pretos de África falar assim: «eu posso trabalhar por seiscentos ou setecentos Euros’ e depôs português falar assim: ah, isto é muito mau».”
(47 anos, nac. ucraniana, regularizado, ensino superior, desempregado/ operário constr. civil).

Alguns dos imigrantes fazem alusão ao receio que os portugueses têm em competir com estes trabalhadores no mercado de trabalho, dado que estes imigrantes têm, em média, 10 anos de escolaridade, ao que acresce a formação e a experiência profissional que acumularam no seu país de origem. Dima faz referência a este aspecto, salientando ainda a dificuldade que os trabalhadores nacionais demonstram em aceitar serem chefiados por imigrantes.

“[...] Porque as pessoas que vêm de lá têm no mínimo nove anos de formação na escola e aqui não e pessoas portuguesas têm medo disto; têm medo que eles vejam que as outras pessoas apanhem lugares melhores no trabalho e não aceitam quando ucraniano começa a mandar no trabalho; português às vezes não aceita; por exemplo uma situação, quando o patrão coloca nessa situação e as pessoas não querem aceitar, mas no final quem manda é patrão e têm que aceitar assim. Têm este receio, sim senhora, eu acho que sim, mas pronto...” (28 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, operário da indústria e construção).

Num cenário e conjuntura económica desfavorável, em que se procura explorar de forma intensiva a mão-de-obra e rebaixar o preço do valor-trabalho, os processos de alienação e de exploração tenderão a assumir ainda uma maior severidade no caso da mão-de-obra imigrante em situação não regularizada. É de esperar que, num contexto de exploração desenfreada surjam conflitos entre trabalhadores e entre estes e o patronato. Irina exemplifica, ao salientar que:

“Se pessoa não tem trabalho e patrão não quer fazer contrato e ela não se pode defender por nenhum lado... não fazem contrato, pessoa não tem dinheiro, não pode trabalhar... pessoas vão fazer qualquer coisa para sobreviver [...]” (38 anos, nac. ucraniana, regularizada, ens. superior, empreg da administração, comércio e serviços).

Neste sentido, é de supor um recrudescimento das tensões entre imigrantes e sociedade maioritária.

Danilo acrescenta que, em particular, parece haver uma atitude de crescente desconfiança face aos “imigrantes de Leste”, encarados como potenciais criminosos. Assim sendo, o entrevistado afirma:

“Eu leio estatística que cada português... quase 80 portugueses pensa que imigrantes de leste quer roubar ou quer outra coisa [...]” (46 anos, nac. ucraniana, regularizado, desempregado/operário da indústria e construção).

A associação da presença de estrangeiros a um acréscimo dos níveis de conflitualidade e insegurança interna parece ser uma evidência para Viktor que destaca, em particular, os problemas de relacionamento entre ucranianos e africanos. Tais desentendimentos parecem não se circunscrever apenas à concorrência no mercado de trabalho, manifestando-se em outros contextos. O entrevistado declara:

“Estão no vosso país é normal, vocês não querem muitos estrangeiros cá porque estrangeiros sempre, estrangeiros num país... fazer mal, roubam tudo nas feiras e sempre há porradas nas ruas e os africanos e ucranianos e russos... nós temos problemas com eles, não é assim como você pensa. Eles não gostam de nós porque nós estamos cá há 4 anos e antigamente nós quando viemos cá todos não sabíamos falar e os africanos também foram trabalhar primeiro que nós, os portugueses quando sabe falar, vão lhe mandar trazer a massa e ele vai saber, vai trazer, o ucraniano – «o que é que ele disse?» Ele não vai compreender; e agora nós já aprendemos mais coisas, somos concorrentes e eles não gostam nada disso.” (20 anos, nac. ucraniana, regularizado, 10 anos escol., empreg. da administração, comércio e serviços).

Elena constata que, mesmo no seu país de origem, que é a Rússia, a segurança interna está fortemente interligada com o fenómeno da imigração não regularizada:

“Isso normal, isso normal, na Rússia a mesma coisa, que eles agora tem também muitos imigrantes ilegais numa escola, quer expulsar porque eles parece cada segundo um criminoso... Que se eles não tem nada para perder aqui, eles aproveitar.” (34 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

Os média e a população portuguesa em geral parecem esquecer que o reforço da presença dos imigrantes em contexto nacional tem ajudado ao difícil reequilíbrio das contas da segurança social, como atesta o estudo de Corrêa d’Almeida (2003) sobre o Impacto da Imigração em Portugal nas contas do Estado. Deste modo, Vladislav relembra que a imigração:

“Também traz o preenchimento do caixa de segurança social ou não? Acho que também fazem isso.” (29 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços)

Relativamente à sua representação, como possível ameaça cultural, as similaridades culturais face aos portugueses são geralmente evidenciadas pelos entrevistados, argumentando que, portugueses, russos e ucranianos compõem o mosaico de uma suposta cultura europeia. Anatoli salienta que, em termos geográficos, o centro da Europa localiza-se precisamente na zona oeste da Ucrânia, o que parece constituir um facto desconhecido para a maioria dos europeus. O entrevistado salienta, assim:

“A cultura é mais ou menos igual, é igual. Nós ver uma coisa, centro da Europa, nossa cidade, achamos centro da Europa Rako, não é Alemanha, não é Luxemburgo, não é nada, Rako, centro da Europa. Tenho um poste que diz que centro da Europa Rako, do geografic.” (nac. ucraniana, 47 anos, regularizado, ens. superior, desempregado/operário da indústria e construção).

Inna é de nacionalidade russa e realça com agrado a abertura e curiosidade demonstradas por alguns portugueses face à cultura do seu país, ao revelar:

“Portugueses muito gostem saber como russos vivemos, cultura, tudo. Eu trabalhei no Belodente de patrão gosta muito da Rússia, ele sabe museus, ele sabe música russa, bailado, tudo, tudo. Cidades, San Petersburgo, Moscovo. Eu sei uma dentista, ele foi na Rússia, na Praça Vermelha e ele gosta muito, tudo, ele tem muitas coisas russas e fotos e muita coisa, gosto muito.” (nac. russa, 38 anos, regularizado, ens. médio, trabalh. não qualific. dos serviços).

Mas esta curiosidade parece ser apenas impressionista e superficial, perante o relativo exotismo e alteridade que não deixam de ser atribuídos a estes imigrantes, provenientes de uma sociedade que mal se conhece e da qual ainda hoje nos chega pouca informação.

A coexistência de indivíduos e grupos com sistemas culturais distintos é encarado por grande parte destes entrevistados como um fenómeno positivo. Igor diz que, apesar de ser percebido pelos cidadãos nacionais como um estrangeiro, nunca foi alvo de um tratamento menos favorável, nem se sentiu como um estranho. A este propósito, o entrevistado salienta:

“Aqui um estrangeiro não é olhado como um estranho, quando eu trabalhava como distribuidor de vinhos, era bem tratado, até pensavam que eu era francês.” (30 anos, nac. russa, não regularizado, 11 anos escol.).

Este tratamento mais favorável poderá dever-se a uma certa confusão no processo de identificação da sua identidade nacional, associado ao seu aspecto físico (olhos e cabelo escuros, baixa estatura, sabe falar inglês, aparência cuidada e envergando um vestuário similar ao dos jovens portugueses da sua idade) e à sua manifesta abertura ao contacto com o Outro, contrariando, de algum modo, o estereótipo do imigrante da Europa de Leste, enquanto indivíduo reservado, fechado e distante e com traços físicos bem demarcados (olhos e cabelo claros, estatura elevada, uso de vestuário *demodé*).

Alguns dos entrevistados mostram-se preocupados com os comportamentos pouco aceitáveis de alguns dos seus compatriotas em espaços públicos e que contribuem para a construção social de imagens depreciativas e estereotipadas sobre o seu *ingroup*. Elena mostra-se indignada:

“[...] Até lá na praia costumamos andar Paço D’ Arcos, até eu passo vergonha, já não sei, se calhar vou deixar lá andar. Eles... falam com palavrões. Aqueles palavrões, já palavrões...em russo, mas palavrões que na todo o mundo conhece, mas já é fora de comum, já é muito, muito, muito, muito mau. Eles só falaram palavrões, eu disse «cala-te que pessoas percebem que vocês fala mal, pessoas não percebe é sentido, mas percebe que vocês fala mal qualquer coisa». Ele disse «deixe, deixe nós em paz que nós não somos russos», «não importa, mas vocês fala em russo» aqueles palavrões e as pessoas... Eles estavam bêbados todos.” (34 anos, nac. russa, regularizado, casada com cidadão português, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

Os próprios sujeitos imigrantes não deixam de ser também responsáveis pelas representações que os Outros poderão construir a seu respeito.

Mas notam também uma espécie de medo relacional da maioria face a estes imigrantes e que se manifesta em contextos extra laborais. Viktor realça que:

“Eles [portugueses] também têm um pouco de medo de nós, não sei porquê? Nós não fizemos mal a ninguém, eles têm medo. Nós estamos a conversar e às vezes gritamos mas é uns com os outros, não? E eles olham para nós – «estes ucranianos são malucos».” (20 anos, nac. ucraniana, regularizado, 10 anos escol.).

Este medo parece basear-se num certo temor face ao desconhecido, que para Pavel tenderá a desaparecer “depois de as pessoas se conhecerem.” (nac. ucraniana, não regularizado, 29 anos, operário da indústria e construção).

Para alguns dos entrevistados é necessário reconhecer as virtualidades dos fluxos de imigrantes do Leste da Europa, geralmente constituídos por trabalhadores com qualificações escolares médias relativamente superiores às da mão-de-obra nacional. O local de trabalho poderá ser um espaço de intercâmbio de saberes e de saberes-fazer entre trabalhadores nacionais e imigrantes, como bem evidencia Dima, ao contar que no seu posto de trabalho há uma troca de conhecimentos entre ele e os seus colegas portugueses:

“Eu também acho que é bom; eu quando cheguei na altura estive a dar aulas no meu trabalho de geometria para pessoas portuguesas que já acabaram escola e tudo. Tem que ajudar de uma maneira ou outra; uns ajudam de uma maneira, outros ajudam de outra. Tem de ser e acho que é bom de uma parte que já está a desenvolver-se que é o intercâmbio, intercultura, entre matérias, entre conhecimentos, é bom, é bom. Há pessoas que não percebem, há pessoas que não querem; paciência, vamos fazer o quê? Não podemos fazer nada.” (28 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, regularizado, operário da indústria e construção).

Os entrevistados estabelecem uma clivagem no interior dos imigrantes que provêm da Rússia, e da Ucrânia de acordo com as expectativas que os trouxeram a Portugal, e com os seus projectos pessoais e familiares de curto e longo prazos. Aqueles que vieram para cá com o objectivo de apenas ganhar algum dinheiro, supõe-se que regressarão a curto prazo até porque a sua família se encontra no país de origem. Pensa-se que estes imigrantes terão uma menor predisposição para aprender a língua do país de acolhimento e terão menos condições e recursos para estabelecer uma teia relacional consolidada e diversificada. Aqueles que têm como projecto permanecer em Portugal, tendo reunido cá toda ou parte do seu grupo familiar, tenderão a estabelecer relações com os membros da sociedade de recepção, procurarão aprender a língua portuguesa e a incorporar elementos da cultura portuguesa. Esta atitude não é mais dos que uma espécie de “pragmatismo cultural”, que possibilitará, segundo Sergey, a assimilação destes imigrantes:

“It’s impossible to keep the two steps: tradition and this society. This society dominar these traditions, in the future their children have culture portuguesa. [...] acabam por ser dissolvidos pela sociedade. Depende de quantos anos precisa. Se perder uma tradição, não é a destruição; isto é como língua, língua todos os dias change. Língua é viva, não é morta, não precisa estudar regras que língua explica, precisa de estudar a língua que precisa. Este é problema de pragmatismo [...]” (43 anos, nac. ucraniana, não regularizado, ens. superior, desempregado).

Vladislav não tem dúvidas em afirmar que, nos próximos 15-20 anos, os filhos destes imigrantes estarão devidamente integrados e assimilados na sociedade portuguesa. A total perda das referências culturais do país de origem poderá até ocorrer, se não houver uma preocupação por parte dos indivíduos, das famílias, das associações de imigrantes, das embaixadas e de outras instituições em transmitir e reatualizar esse reportório cultural de origem entre as gerações vindouras. Assim, Vladislav declara:

“Como entrada na sociedade, claro que nenhum imigrante que chegou cá nunca vai ter acesso de todas estas possibilidades cá em Portugal porque eu sou imigrante mas os filhos dele e ele depois de 15, 20 e 30 anos, quando está adaptados já poderá. O meu trabalho quando eu faço isso, alguns dos meus objectos é pessoas sabem como sabendo de suas tradições mas ficaram bem integrados, assimilados na população portuguesa.”

Mas vão esquecer as tradições?

“Isso depende de pessoas... Se alguém se preocupar com isso.” (29 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

Leonid faz alusão à forte vontade que caracteriza um espectro significativo destes imigrantes e que consiste em se adaptar ao país de acolhimento, demonstrando assim essa predisposição que parece estar culturalmente incorporada:

“Há um ditado na minha terra porque a pessoa que vai entrar num mosteiro tem de cumprir as leis deste mosteiro, vais para outro tens de cumprir leis do outro.” (40 anos, nac. russa (cidadania ucraniana), regularizado, ens. superior, operário da indústria e construção).

O cenário acima descrito está distante das expectativas partilhadas por outros entrevistados. Assim, para um outro segmento de imigrantes, o contributo no contexto da sociedade portuguesa é meramente económico, circunscrevendo a sua participação a esta esfera de actividade. Assim, Olena afirma que:

“Imigrantes muito ajudam. Os imigrantes pagam 70% da segurança social portuguesa, eles vêm ajudar muito.” (29 anos, nac. ucraniana, não regularizada, 11 anos, trabalh. não qualific. dos serviços, detida).

Nina sustenta que há uma distância cultural bem vincada entre imigrantes da Europa de Leste e portugueses, não antevê qualquer plataforma de diálogo e de intercâmbio cultural entre uns e outros. Na sua perspectiva, estes imigrantes localizam-se num espaço social segregado e impenetrável, já que vivem:

“À parte, com a sua cultura própria; vivem fechados.” (40 anos, nac. ucraniana, regularizado, 10 anos escol., operária da indústria e construção, detida).

2. O que pensam sobre a sociedade de acolhimento?

2.1. Distanciamento e principais diferenças

Alguns dos entrevistados percebem a existência de diferenças profundas ao nível dos valores e práticas culturais, entre portugueses e imigrantes russos e ucranianos, o que se manifesta em dificuldades no plano da interacção quotidiana, sobretudo na intensidade e nas relações que estabelecem com os membros da maioria. Em contexto imigratório, até que ponto lhes é fácil ou difícil estabelecer laços de amizade com os cidadãos nacionais?

Apenas 8 entrevistados afirmam convictamente que têm amigos de nacionalidade portuguesa (n=34). Parece ser consensual entre os imigrantes que o domínio da língua portuguesa condiciona a capacidade para se estabelecer relações de amizade. Svetlana já frequentou 3 cursos de língua portuguesa, no âmbito do Programa “Portugal Acolhe”, patrocinado pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) e está ciente que não pode ir mais além nas relações de amizade que estabelece com os portugueses, porque tem ainda muitas dificuldades em estabelecer uma conversação em português:

“O problema é a língua. Eu tenho coração aberto para todos, mas não falo a língua, como não falo, não contacto. Em Alverca tenho amigas, duas foram minhas professoras, já fui a casa de Guiomar e marido jantar, mas que vou fazer? Eu pouco falo.” (55 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, à procura de emprego).

Mas, para além das dificuldades de compreensão ao nível da língua, há outros obstáculos que não são logo imediatamente perceptíveis nas interacções iniciais com os membros da sociedade de acolhimento. São apontadas dificuldades associadas a uma atitude de distanciamento, fechamento, volubilidade e até mesmo a percepção de que os portugueses receiam relacionar-se com estes imigrantes. Oleg é ucraniano e assevera que é muito difícil fazer amigos entre os portugueses, pois há muitas diferenças culturais:

“Eu não sei... população de Portugal não queria fazer amizade ou tem medo de imigrantes, não sei porquê.” (38 anos, não regularizado, ens. superior, desempregado).

Parece que é difícil estabelecer relações com algum grau de profundidade e intimidade entre portugueses e imigrantes russos e ucranianos. Vladimir caracteriza os relacionamentos mistos de amizade ou companheirismo como transitórios, superficiais, e por isso de difícil manutenção e aprofundamento:

“Eu posso fazer um contacto mesmo, falar, mas também esta amizade não vai prolongar-se, não vamos fazer para casa um de outro, isto não. Até um café só para beber ou cerveja, este pode, mas... eu também pode chamar para sua casa, fazer alguns coisas juntos, mas é só um barreira também, até algum tempo.”

Depois acaba tudo?

“Não é tudo, pode dizer «olá, tudo bem», mas não.” (34 anos, nac. russa, regularizado, ens. médio, desempregado).

Desde 2000 que Dima está em Portugal e, apesar de ser um dos poucos entrevistados que afirma ter um amigo de nacionalidade portuguesa, admite, no entanto, que:

“As pessoas de Portugal, a maioria são mais fechadas; eu acho que mais fechadas. [...] portugueses são mais cautelosos; não sei, pode ser uma segurança, uma distância que eles querem manter.” (28 anos, nac. ucraniana, regularizado, operário da indústria e construção).

Oleg admite que não tem amigos entre os membros da sociedade maioritária. Na sua perspectiva, são mais as diferenças entre nacionais e imigrantes do que propriamente as similitudes, o que poderá justificar algum temor face a quem não se conhece:

“Difícil, difícil. Eu não sei... população de Portugal não queria fazer amizade ou tem medo de imigrantes, não sei porquê.”

Sente isso?

“Não sei pode explicar isso, é mesmo muito diferente.” (38 anos, nac. ucraniana, não regularizado, desempregado (quadro técnico intelect. e científico)).

Algumas das mulheres entrevistadas revelam a falta que sentem das amigas que ficaram no país de origem. Anna tem apenas 26 anos, nacionalidade russa e cidadania ucraniana e revela que sente a sua falta: com elas conversava à vontade, podia sair e divertir-se; aqui, sente uma espécie de insegurança ontológica e ainda não conseguiu estabelecer relações de amizade com portugueses. Retrai-se no contacto com os nacionais e evidencia alguma dificuldade em objectivar as razões que subjazem a essa atitude, alegando que tendencialmente e perante o imigrante os portugueses mostram uma certa atitude de superioridade e de desdém. O marido, por sua vez, não confia nos membros da sociedade maioritária porque já por várias vezes foi enganado por empregadores nacionais. A entrevistada afirma:

“Ainda não tenho amigos portugueses porque, não sei, nós somos diferentes, é muito complicado. Os portugueses acho que a mentalidade deles maior que de nós e quando, normalmente... eu trabalhei, fiz limpeza, claro que gente pensou que eu... é meu mentalidade mais baixo que eles, sim”. (26 anos, nac. russa, cidadania ucraniana, regularizada, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

Os cenários em que a maior parte dos imigrantes tem oportunidade de conhecer os cidadãos nacionais é o da esfera de trabalho, e a relação que mantêm é basicamente uma relação profissional, o que não é de estranhar, dado o pouco tempo de permanência destes imigrantes em Portugal, bem como o carácter laboral dos fluxos migratórios.

Vladimir assinala que as relações com os autóctones se confinam exclusivamente ao contexto de trabalho e nunca ou muito raramente extravasam essa esfera (34 anos, nac. russa, regularizado, ens.

médio, desempregado). Nicolai confessa que o objectivo que norteou a sua vinda para Portugal foi o trabalho, daí que tenda a confinar as suas interacções ao espaço trabalho e ao espaço doméstico. Por isso mesmo, salienta que só tem amigos entre os seus concidadãos:

“Amigos portugueses, só pessoas... só amigos onde nós trabalhamos, o resto não. Colegas de trabalho. São colegas, amigos só da nacionalidade. Amigos é difícil porque culturas outras. Difícil... não sei, difícil... difícil... Porque... porque... nós a vida é diferente, eu já dizer que nós vivemos com nós amigos, todos dias falamos com eles, trabalhamos, depois trabalho nós vamos descansar no casa, fazemos comida.” (33 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, operário da indústria e construção).

A maior parte dos portugueses com quem estes imigrantes interagem no seu quotidiano são apenas meros “conhecidos”. Observam que os portugueses com alguma facilidade aplicam a palavra “amigo”. Russos e ucranianos tendem a distinguir “amigo” de “conhecido” e estabelecem e gerem as suas interacções com alguma selectividade. Ao relacionarem-se com os Outros (principalmente com o Outro maioritário) depositam quase sempre um certo sentido de responsabilidade e de rigor, criando expectativas que depois são geralmente goradas. Por vezes, declaram-se ludibriados perante a facilidade e a simpatia com que alguns nacionais se comprometem ou prometem algo e que depois não cumprem, ou então, se cumprem, é num tempo mais distendido. Pedro é ucraniano e afirma que, quando os portugueses falam no “amanhã”, isso equivale ao “nunca” (25 anos, regularizado, detido). Oxana afirma que tem dificuldade em confiar nos portugueses e deixa antever algumas dissemelhanças na forma como russos e portugueses fazem a gestão das suas relações:

“Às vezes, eu penso que amizade em Portugal... não existe, às vezes que pelo contrário. A mesma coisa como no meu país. No meu país, claro que depende de pessoa também, mas sobre mim, eu nunca prometo sem saber se tenho a certeza. [...] Em Portugal é fácil, ‘logo, claro! E ligue-me’, ‘quando?’, ‘amanhã’. Ligo, está desligado, depois de amanhã, está desligado ou ninguém atende. Para mim, para mim não dá para explicar porque sempre fui responsável e... sinceramente, é natural que nem toda a gente faça a mesma coisa que eu [...] por isso, perdi o hábito de confiar e acreditar logo para já, se tenho algum problema já falo com alguém, eu não estou acreditada 100%. Lá na minha terra também acontece, mas muito menos.” (41 anos, nac. russa, não regularizado, ens. superior, trabalh. não qualific. dos serviços).

Mas há ainda quem declare que é entre os portugueses que estão os “verdadeiros amigos.” Esta posição é sustentada, por norma, entre aqueles que têm já amigos portugueses. É interessante verificar que, na maior parte das vezes, essas amizades são construídas tendo por base, na sua origem, a mediação de instituições nacionais. Natacha recebeu da parte de leigos, colaboradores e religiosos ligados à Igreja Católica, apoios inimagináveis e que vieram em muito mudar o seu trajecto de vida. Sem este suporte a entrevistada declara que não teria conseguido legalizar-se, nem enquadrar os filhos em meio escolar, nem tão pouco teria conseguido obter equivalência das suas habilitações académicas, passando posteriormente a exercer uma actividade profissional mais consonante com a sua formação.

“Nós temos amigos verdadeiros, verdadeiros, muitos... Como devo dizer [...] Temos amigos. Pronto, nós encontramos... mas verdadeiros temos só alguns. Poucos. Realmente amigos porque... pronto, temos a certeza absoluta que qualquer altura posso ir contar com eles ou eles podem contar conosco... Não podíamos fazer muita coisa mas aquilo que podemos fazer [...].” (37 anos, nac. ucraniana, regularizado, casada, 2 filhos, ens. superior, técnico intellect. e científico).

Parece ser unânime a opinião entre os imigrantes de que o apoio e a solidariedade, quer seja pessoal e informal, quer seja institucional, são, em regra, prestados pela sociedade de acolhimento. Elena é russa e conheceu uma das suas principais amigas portuguesas de forma inesperada nos transportes públicos:

“Aquele dona Maria conhecemos por acaso aqui no autocarro, que eu perguntei qualquer coisa, ela «não

tenho anéis», eu vi um anel que mulheres russos ande com aliança na mão esquerda, na mão direita aqui, mesmo dedo. Eu vi como que estava... vê-se que não sou portuguesa, ela começou a falar russo, assim conhecemos. Este que duas amigas, é bom... pode ser, não é preciso mais.” (34 anos, regularizado, casada com cidadão português, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

Elena revela que sempre que precisa, é esta cidadã portuguesa que lhe empresta dinheiro.

Embora seja uma excepção no conjunto dos entrevistados, Vladislav salienta a forte relação de amizade que o une ao seu ex-empregador, de nacionalidade portuguesa. Conheceram-se quando Vladislav chegou a Portugal em 2001 e foi trabalhar como servente na construção civil e desde aí tornaram-se inseparáveis. Geralmente passam algum do seu tempo juntos, pescam e até organizam piqueniques e passeios em família.

“Eu quando cheguei cá, 2, 3 meses trabalhava na construção civil e, não sei, acho que tive sorte e um dia encontrei com um português [...] uma pessoa simples. E desde aquele tempo eu posso dizer que pessoa meu melhor amigo cá em Portugal. Ele descobriu para mim Portugal. Eu estive com ele nos vários sítios. Viajámos. Eu, esposa, ele, elementos de família dele. As passagens de ano, Natal nós festejamos em conjunto.” (29 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

A afectividade e companheirismo que Vladislav encontrou junto deste seu amigo e respectiva família justificam, de algum modo, que o entrevistado tenha uma opinião positiva sobre a sociedade maioritária.

Não obstante, a maioria dos entrevistados tende a focalizar as suas sociabilidades apenas no núcleo familiar, isolando-se dos seus compatriotas. Outros, principalmente aqueles que não têm cá familiares, tendem a relacionar-se e a manter apenas relações de maior proximidade com os seus conterrâneos. Esta última situação é a de Sergey, que chegou há cerca de 8 meses. Ocupa cerca de 8 horas por dia a estudar português e salienta que lhe sobra muito pouco tempo para fazer outras coisas, confinando-se a sua teia de relações aos falantes de língua russa:

“Esta só pessoas ucranianas ou russas. Não só a minha nacionalidade porque eu tenho comunicações com a Bielo-Rússia língua. Língua é mais fácil para comunicar a mesma problema, a mesma interesses, a mesma... mas agora já tenho pouco tempo para outras coisas, mas agora precisa língua portuguesa.” (43 anos, nac. ucraniana, não regularizado, casado, 1 filho, ens. superior, desempregado, à procura emprego).

2.2. Casamentos e relações de namoro mistos com portuguesas

Havendo entre a população imigrante da Rússia e Ucrânia um elevado número de homens sozinhos, parece ser relevante perceber se há dificuldades ou, pelo contrário, facilidades em estes imigrantes viverem experiências conjugais e/ou de namoro de carácter misto, sobretudo com mulheres portuguesas.⁸⁴

Segundo as Estatísticas Demográficas, o quantitativo de matrimónios entre cidadãos portugueses e estrangeiros tem vindo a aumentar, de forma progressiva. Em 2000, constituíam 2,7% dos matrimónios, tendo passado em 2002 para 4,8% e em 2003, registam-se 6,7%. Entre as várias nacionalidades, destacam-se os casamentos com indivíduos com nacionalidade brasileira.⁸⁵ Em relação a 2004 e de acordo com os dados fornecidos pelo SEF, entre os nacionais que protagonizaram uniões conjugais mistas, as preferências nas

84 Em Portugal e no ano de 2004 registou-se, ainda, uma forte endogamia, já que mais de 90% dos casamentos celebrados é entre indivíduos de nacionalidade portuguesa. Esta tendência também é passível de ser observada em outros grupos de estrangeiros, como os nacionais dos países da UE e de outros países europeus.

85 Estatísticas Demográficas, 2003, in www.ine.pt, Informação à Comunicação Social.

escolhas recaíam sobre os brasileiros, seguindo-se os oriundos dos PALOP e só depois os europeus não comunitários. Há uma maior percentagem de uniões protagonizadas por mulheres estrangeiras (5,5%) do que por homens (3,5%). Porventura, para a mulher estrangeira talvez seja mais fácil movimentar-se no mercado das escolhas conjugais do que para o homem, o que também poderá ser uma possível estratégia de mobilidade pessoal e social. No entanto, também poderá haver uma maior predisposição e abertura dos homens nacionais face a essas escolhas do que por parte das mulheres, o que deverá ser lido à luz dos diferentes modos de socialização e de interiorização de expectativas de género.

QUADRO 5.2

Casamentos mistos em 2004

Nacional.		Nacionalidade do cônjuge masculino							Total
Cônjuge feminino		Portugal	UE*	Outra Europa	PALOP	Outra África	Brasil	Outros	
Portugal	N	45 234	252	142	249	76	351	265	46 569
	%	95,4	81,3	64,2	71,3	89,4	72,5	90,4	94,7
UE	N	177	35	4	2	2	4	8	232
	%	0,4	11,3	1,8	0,6	2,3	0,8	2,7	0,5
Outra Europa	N	389	4	68	2	-	3	2	468
	%	0,8	1,3	30,8	0,6	-	0,6	0,7	0,9
PALOP	N	270	8	3	94	-	-	-	375
	%	0,6	2,6	1,4	26,9	-	-	-	0,8
Outra África	N	42	2	-	-	7	-	1	52
	%	0,1	0,6	-	-	8,2	-	0,3	0,1
Brasil	N	1 165	6	3	2	-	126	2	1 304
	%	2,5	1,9	1,4	0,6	-	26,0	0,7	2,6
Outros	N	159	3	1	-	-	-	15	178
	%	0,3	1,0	0,4	-	-	-	5,1	0,4
Total	N	47 436	310	221	349	85	484	293	49 178
	%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

* UE sem Portugal.

Fonte: SEF, 2005

A língua é um obstáculo importante, mas também os assuntos banais de conversa, que parecem ser distantes do que habitualmente é alvo de conversação no seu país. Nicolai tem 33 anos e fala nas dificuldades que o homem dos países da Europa de Leste experiencia, quando se tenta aproximar e contactar com mulheres portuguesas:

“Porque há pessoas não sabe que falar, então vamos falar, vamos num café e depois que vai falar? [...] nós podemos falar com mulher na rua minha terra, só vi mulher «olá, estás bom» e falamos, aqui não, aqui pessoa «onde trabalha, onde ele estuda» [...]” (33 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, operário da indústria e construção).

Vladimir invoca diferenciações ao nível das “características de alma”, alegando que ainda não percebeu a orientação e o sentido de vida dos portugueses. O entrevistado é profundamente religioso, possuindo até

um curso de teologia concluído no seu país de origem, e foi num espaço de culto ligado à Igreja Ortodoxa que o encontrámos. Quando veio para Portugal (em 2000) trazia a expectativa de desposar uma cidadã nacional, mas ao fim de algum tempo concluiu que tal era de difícil concretização. Por isso, em 2003, acaba por regressar ao seu país de origem para casar com uma mulher russa. O entrevistado explicita algumas das dificuldades:

“[...] Depois é, por exemplo, eu antes, antes, se eu posso arranjar algum mulher aqui, mas não é para alguma coisa... com papéis, não, é só normal, mas agora já percebi não, tanta diferença este não dá. Agora já casei com menina da Rússia.”

Havia muita diferença?

“Sim, e eu não sei como passar este barreira. Tentou, tentou, mas... até alguma coisa pode ser. Antes amigo de minha idade também, ele tentava-me arranjar num bar e... ajudou para ela fazer alguma coisa e também nós tentámos fazer alguma relação.” (34 anos, nac. russa, regularizado, casado, não tem filhos, desempregado).

O entrevistado reconhece que há diferenças insuperáveis, sentindo-se impotente para as ultrapassar; não sabe explicar, parece-lhe que a hierarquia de prioridades e os objectivos de vida são diferentes para uns e outros. Vladislav, por seu turno, justifica o retraimento da mulher portuguesa com base em preconceitos e em atitudes de superioridade social e até classista das portuguesas face aos imigrantes. As portuguesas são acusadas de usarem estratégias calculistas, quando se trata de relacionamentos mais íntimos. Assim, o interlocutor declara:

“[...] Agora haver diferença entre raparigas portuguesas é que mais distante dos homens estrangeiros. Não é estrangeiro, homens imigrantes. Porque estrangeiro francês, inglês... já é prioridade para casar-se. Acho que falamos sobre discriminação generalidade mas raparigas sempre procuram um bom casamento, não é assim? Esquecem e os pais é que espera que vai casar-se com um homem rico. Mas maior parte dos imigrantes de leste que estão aqui vêm cá para ganhar.” (29 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

Pedro fala em tom crítico da forma como era tratado pelas mulheres portuguesas sempre que tentava encetar conversas com elas, acredita que não o rejeitavam tanto pela sua condição de imigrante, mas pela de operário, o entrevistado afirma:

“As mulheres olhavam de cima, «porque estás a falar comigo? Não te conheço. Um imigrante, uh», mas se fosse inglês, holandês, dinamarquês era diferente.” (25 anos, nac. ucraniana, não regularizado, trabalh. não qualific. da indústria e da construção, detido).

As escolhas neste plano são socialmente determinadas, resultando não só da socialização e do quadro de valores do indivíduo, mas também da estruturação classista da sociedade.

Alex tem 24 anos, é ucraniano e revela que gostava de ter uma namorada portuguesa, mas reconhece que “portuguesas não gosta muito de estrangeiros”. O campo e as possibilidades de escolha não são, assim, ilimitados e indeterminados. De forma muito realista os próprios imigrantes estão cientes de que as afinidades (se)leceivas se sobrepõem a outras motivações. Alex afirma:

“Se calhar porque eu sou trabalhador; muitas portuguesas querem é senhor que anda no Mercedes ou BMW, que tem ‘papel’, tás a ver? É tudo assim, todos os lados assim; querem é com ‘papel’ este homem.” (nac. ucraniana, não regularizado, ens. superior, operário ind. construção).

O indivíduo imigrante age em função da compreensão que constrói sobre a reacção das mulheres nacionais.

Boris também se refere à maior facilidade com que as mulheres de Leste se relacionam com os homens portugueses, já que “mulheres de leste não se mistura com os de leste, procura portugueses”; em contrapartida, a mulher portuguesa tem receio dos “imigrantes de Leste”. Estes são ainda percebidos como alguém estranho, desconhecido, distante, ainda que fisicamente próximo, por isso:

“Têm medo da mudança, como estes imigrantes é uma nova coisa, ela pensa que é pior.” (25 anos, nac. russa (etnia tchetchena), não regularizado, 12 anos escol., desempregado, detido).

Para uma mulher nacional dos países de Leste, uma relação conjugal com um homem português poderá ser um “bom casamento” e permitirá uma mais rápida ascensão social. Entre os entrevistados, apenas duas mulheres de nacionalidade russa estão casadas com homens portugueses e o casamento foi combinado através da interferência de amigos comuns e por via de contactos telefónicos. Yvette Rocheron (1999 : 209) faz referência às dificuldades destas relações mistas, ao dizer: *“le devenir du couple impose l'acculturation des deux partenaires, étrangers l'un à l'autre par instants, surtout si les femmes et les hommes forgent des conceptions différentes de la culture à transmettre”*. Esta afirmação ganha ainda mais pertinência, se pensarmos que estes fluxos migratórios ainda são recentes na sociedade portuguesa, e, por isso, a consolidação da sua presença e até integração está ainda no grau zero.

A filha de Oxana, Maria, tem apenas 23 anos e já foi casada com um homem de nacionalidade portuguesa que conheceu pouco tempo depois de ter chegado a Portugal, em 2000. Os maus-tratos físicos e a violência psicológica de que foi alvo, mesmo durante a gravidez, constituem alguns dos motivos que justificaram o divórcio. Maria conhece e invoca outros casos de amigas de nacionalidade russa e ucraniana, cujas relações conjugais mistas também foram mal sucedidas. Assim:

“Por exemplo... eu tenho amigos rapazes, não há problema nenhum, mesmo amigos. O meu marido disse que não pode ter amigos masculino. Não existe uma amizade. Amigas também não, nenhuma podia telefonar. Não posso falar russo porque ele pensa que eu estou a falar sobre ele, pronto, há muitas coisas... Também uma amiga da Rússia, ela estava a viver com um rapaz, ele também bateu, bateu na ela, pronto, também não sei porquê, por ciúmes, mas... Por exemplo, eu vejo no Centro há uma rapariga de Lituânia apareceu lá para tratar o visto e nós falámos, não sei quê, ela é casada com português, mas está separada.” (nac. russa, regularizado, divorciada, 1 filho).

Para Maria, o problema reside na forma como o homem português gere a relação conjugal, querendo controlar e coarctar a autonomia da mulher. Acresce a isto o facto de à mulher ser exigido o desempenho de uma sobrecarga de tarefas, não contando geralmente com a colaboração do seu companheiro. Neste contexto, a entrevistada salienta:

“[...] Parece que os homens são mais assim para mandar, mais machos. Querem ficar deitadinhos no sofá, querem camisas e calças bem passadas, comida pronta, toda a casa arrumada e eles não, eles saem do trabalho, estão cansados, sem fazer nada... Chegas para casa, tens que fazer isso tudo, é um homem, está cansado, está com dor de cabeça que não consegue-se levantar.” (23 anos, nac. russa, regularizado, divorciada, 1 filho).

Para os homens entrevistados, é evidente que as mulheres portuguesas manifestam receio em contactar e relacionar-se de forma mais íntima com os imigrantes da Rússia e da Ucrânia. Os homens imigrantes expressam as dificuldades que sentem em aproximar-se das mulheres portuguesas. Assim Dima diz que as mulheres portuguesas são:

“[...] mais cautelosas, calculam mais...” (28 anos, nac. ucraniana, regularizado, união de facto (com imigrante brasileira), ens., superior).

Elena considera que há uma grande distância social, mas também cultural, entre os homens ucranianos e as mulheres portuguesas. Acha que dificilmente estes homens poderão satisfazer o grau de exigência, assim como as expectativas das portuguesas numa possível relação de namoro e/ou de conjugalidade:

“Eu penso que eles nem deve aproximar nem 100 metros de mulheres portuguesas porque... nunca vai satisfazer, na todos os sentidos, pode ser num sentido, pode ser na cama, não sei, também não conheço muito bem este parte, mas... eles não... estão outro nível, se é homem, por exemplo, de grande cidade ou de capital ou assim, pode ser já nível mais alto e... tem que andar, eu penso que tem que andar no teatro, tem a andar no cinema ou divertir-se. Mas homens que trabalha na obra, ele não vai levar mulher para teatro, ou pode ser leva uma vez, chega, mas não é assim.” (34 anos, nac. russa, regularizado, casada com cidadão português, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

Anna conhece alguns casos de mulheres de leste que casaram com portugueses, notando, com surpresa, a escassez de relações conjugais entre homens de leste e portuguesas, argumentando que uma das razões se prende com a procura pelos homens imigrantes de modelos conjugais mais tradicionais: em que a mulher é menos emancipada, mais confinada às tarefas do lar e à maternidade; o que contrasta com a orientação de algumas das mulheres nacionais, mais orientadas para modelos conjugais em que as relações entre os dois sexos são mais simétricas. A entrevistada esclarece assim:

“Eu não sei... Se calhar os nossos homens sabe que mulher da Rússia ou da Ucrânia são cozinhar bem, são fazer limpeza de casa, mais mulher de família e os portugueses mais... feminismo?” (26 anos, nac. russa, cidadania ucraniana, regularizada, casada, ens. superior).

Viktor tem apenas 20 anos e fala sobre os relacionamentos amorosos entre jovens de Leste e nacionais. Entre o seu círculo de amigos e conhecidos, apenas uma sua concidadã namora com um português; não conhece qualquer situação análoga entre rapazes de Leste e raparigas portuguesas. Na sua perspectiva, os seus amigos até gostariam de conhecer e de se relacionar com as jovens nacionais, mas observa da parte das portuguesas uma atitude de desprezo, sobrançeria e repugnância, manifesta em gestos, expressões faciais e até discursivamente, o que impõe distâncias inultrapassáveis entre ambos. O entrevistado explicita a reacção de repulsa que observa, ao dizer que:

“[...] As raparigas portuguesas têm medo de nós. Nós queríamos conhecer... ‘olha uma’, ‘eu vou chamar a polícia’ ou uma coisa assim [...] aconteceu aos amigos. Eu também quando estou lá na Alameda com amigos eles querem conhecer...mas elas passam e levam a mal se nós lhes dizemos alguma coisa, ficam assim a olhar.” (nac. ucraniana, regularizado, 10 anos escol., empreg. da administração, comércio e serviços).

A forma como os portugueses interagem entre si nos mais diversos contextos é também alvo de reparo. Um dos aspectos que mais surpreendeu Natacha foi o relacionamento entre os seus colegas de trabalho que, com alguma facilidade, perdiam o auto-controle e desencadeavam acesas discussões. A entrevistada revela como ficava atónita perante tais contendas, que rapidamente eram sanadas, ao afirmar que os portugueses:

“Rebentam muito depressa. Podem gritar. Vi várias vezes cenas no serviço que gritavam...por tudo e por nada. E eu pensava ‘e eles agora ficam inimigos para a vida toda’ e passados 2 dias... já estavam amigos. Para mim, eu não sei, na minha terra isso dói, demora assim, pronto. Nós somos mais fechados.” (37 anos, nac. ucraniana, regularizado, quadro técnico intelect. e científico).

Para alguns dos interlocutores, a forma como os cidadãos nacionais se relacionam entre si e a forma como espacializam tais relações são aspectos paradoxais e dificilmente compreensíveis. Notam que há uma aparente e paradoxal abertura e genuidade na forma como os portugueses se expõem e interagem no espaço público, observando, contudo, que há concomitantemente uma espécie de fechamento, no que toca ao

espaço doméstico, pautado por interdições, e, inacessível aos estranhos. Leonid mostra a sua surpresa por os membros da sociedade maioritária utilizarem os espaços públicos como cafés e restaurantes para se encontrarem, para conversarem e até para resolverem problemas pessoais ou de outra ordem. O entrevistado evidencia que:

“[...] gosta muito da rua, os portugueses.” (40 anos, nac. russa (cidadania ucraniana), regularizado, ens. superior).

Para os imigrantes, os portugueses elegem os espaços públicos, como cenários de relação e de sociabilidade, enquanto que para os imigrantes o espaço doméstico é o lugar por excelência de interação, percebido como lugar de pertença e revelador do Eu pessoal. Vladislav estranha a prática de ir ao café várias vezes durante o dia, afirmando que, na Rússia “não usa-se muito lá.” (29 anos, nac. russa, regularizado, empreg. da administração, comércio e serviços). O espaço pessoal e social, assim como a forma como os indivíduos o percebem, remete-nos de imediato para a hipótese da proxémica de Edward T. Hall (1986: 13), segundo a qual, “indivíduos que pertencem a culturas diferentes, não só falam línguas diferentes, mas, o que por certo é mais importante ainda, habitam mundos sensoriais diferentes”. Ora, em Portugal e como nos lembra Hall (1986: 103 e 164), à semelhança do que acontece em outros países da bacia mediterrânica em que a “vida sensorial é mais intensa”, tendencialmente a casa é para os sujeitos um espaço reservado à família, enquanto os lugares exteriores são consagrados às relações sociais.⁸⁶

No plano das práticas culturais, os entrevistados fazem referência, porque lhes causam estranheza, às práticas de comunicação que são atribuídas aos portugueses. O uso de palavrões, o alto tom de voz e o recurso excessivo à gestualidade, bem como a higiene inerente no acto de cumprimentar os outros. Olga declara que:

“Quando fala duas pessoas e todo autocarro sabe o que elas fala; isto não gosta, na Ucrânia não faz isto.” (40 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. técnico trabalh. não qualific. dos serviços).

Para estes entrevistados, o teor das conversas públicas entre portugueses e o tom de voz demasiado alto são percebidos como formas de intrusão no espaço privado do Outro. O volume da voz e a forma como se conversa em público são também práticas culturalmente condicionadas.

A forma como os portugueses se cumprimentam através do “beijinho na face” é classificada como não higiénica por Anastacia que afirma que se “pode apanhar micróbio no Inverno [...]”. A entrevistada, médica epidemiologista, classifica estas particularidades como fazendo parte da cultura latina, o que contrasta com a cultura e a conduta das pessoas eslavas, classificadas como mais calmas, pautando-se por uma “cultura higienista” e como tendo um maior grau de auto-controle emocional. Anastacia enuncia essas diferenciações:

“Não, pessoa portuguesa fala e usa esta mãos, tudo, tudo, gordura come, eu também, pode fazer negativos muitas, pode fazer e eu não sei. [...] mas cultura russa mais calma, tudo. Aqui pode comer e falar e gritar, como aqui fala com pessoa. Não, não, não pode ser isso, não. [...] mais calma, não precisa dar beijinhos, não, só isto.” [cumprimento com a mão] (46 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

Ainda na continuidade de uma atitude hiper-crítica e de julgamento face às condutas na sociedade de acolhimento, os entrevistados não deixam de revelar uma espécie de oposição, ainda presente na sua

⁸⁶ Edward T. Hall (1986: 205) acrescenta ainda que a forma como os indivíduos se posicionam no espaço e os sentimentos que estabelecem resulta da síntese de numerosos dados, que podem ser de ordem visual, auditiva, quinestésica, olfactiva e térmica.

estrutura mental e nos seus discursos, entre, por um lado, os europeus ocidentais (a anomia, o desregramento, a liberdade ou quase libertinagem), e, por outro, os europeus de leste (a organização, a disciplina, o auto-controle).

No que concerne às relações conjugais entre cidadãos nacionais, Tatiana manifesta a sua estupefacção perante a liberdade e a autonomia que homem e mulher dispõem no seio de uma relação de conjugalidade, principalmente entre casais mais escolarizados. A entrevistada diz que nunca aceitaria manifestações de emancipação e autonomia, tais como:

“[...] Por exemplo, se eu caso e já sou casada se tenho amigos casados só posso sair... não posso sair sozinha, não posso, por exemplo, ir a fim de semana passar com as amigas.”

Na Ucrânia?

“Sim. Não posso. Em Portugal, por exemplo, eu já conheço muita gente, por exemplo, que são casados ou namoram há muito tempo e ele pode ir passar férias com os amigos e não sei quê ... Eu nunca abro a minha cabeça como é que um homem pode fazer isto com os amigos.” (nac. ucraniana, 24 anos, regularizado, vive com o namorado, 11 anos escol., empreg. da administração, comércio e serviços).

Natacha considera que a mulher portuguesa dispõe de um maior grau de autonomia face aos seus companheiros, enquanto que a ucraniana não atingiu esse patamar de emancipação. A maior liberdade parece ter efeitos perversos, já que a entrevistada denota uma maior desunião nas famílias portuguesas, notando que:

“Cada um vive a vida dele... Para nós ainda mulher é aquela, pronto, que acolhe a família, o foco da família, não é? As crianças e tudo... Para a mulher é muito importante. Para a mulher portuguesa já não é assim. É mais avançada talvez e mais independente. Nós ainda não somos tanto independentes mesmo que ... ganhamos na mesma. Mas ainda sentimos aquela dependência de marido.” (37 anos, nac. ucraniana, regularizado, casada, 2 filhos, quadro técnico intellect. e científico).

Alguns entrevistados concebem a maior autonomia da mulher portuguesa como um sintoma de desunião e de desarmonia familiar. Irina observa relacionamentos familiares em que marido e mulher parecem ter vidas autónomas, não parecendo partilhar uma vida em comum. A entrevistada assinala com surpresa que:

“[...] Aqui em Portugal todos têm carro, têm tudo, mulher vai para um lado, marido para o outro, só telefonam, marido trabalha na norte, outra na sul; isto é que chamam marido e mulher, na Ucrânia não, e é marido e mulher já pronto, você vai e por exemplo marido vai para um lado... Na Ucrânia há só um carro, o marido vai buscar mulher ao trabalho e traz para casa.” (38 anos, nac. ucraniana, regularizada, casada, empreg da administração, comércio e serviços).

A socialização destes indivíduos e as experiências que trazem do seu país de origem assentam claramente na valorização da ideia de que a mulher, para além de assumir outros papéis sociais, tem a responsabilidade da gestão da vida doméstica, responsabilidade essa que não deve ser delegada em outrem. Vladislav evidencia a importância da mulher na gestão da vida doméstica e familiar, ao afirmar:

“E objectivo de mulher não é mau ser ela trata casa, não é mau ser ela que trata do seu marido e do filho? É natural, é natural dos 1000 anos quase existe uma sociedade humana. Os raparigas lá ensinaram-nas, não é desde o nascimento mas... que o senhora é a preocupação de casa. Não é obrigatória preocupar de casa porque o homem também ajuda mas também para ela.” (29 anos, nac. russa, regularizado, casado, não tem filhos, empreg. da administração, comércio e serviços).

Estes entrevistados estranham e até questionam a existência de algumas práticas adoptadas por parte de algumas famílias portuguesas na gestão do seu quotidiano. Jantar e almoçar fora, comprar comida pré-preparada ou já cozinhada, ter uma empregada doméstica, são práticas que desconheciam e, na sua óptica, revelam a não valorização, o desinteresse e a demissão da mulher face às actividades de carácter doméstico. Oxana confessa a sua incompreensão, revelando que jamais uma mulher russa deixará de executar tais tarefas. A entrevistada manifesta indignação perante tais práticas que permitem aliviar a sobrecarga das tarefas domésticas que recaem sobre as mulheres, ao dizer:

“Depois ela [vizinha] chegava, eu estou a fumar, fui fumar mais uma vez, ela chegava a casa e depois família toda, o marido dela, os filhos saíam para jantar fora, um dia durante a semana. Desculpa lá, eu tenho a certeza que comida, coser à mão, tem muito mais sabor do que no restaurante porque comer um bife que tão duro, tão duro e batata frita ou arroz, não é saudável. Em casa tu podes fazer muita coisa, variar, não sei quê, e acho que muito melhor. Eu nunca fui à lavandaria, nunca mandei minha roupa, não sei quê, à lavandaria, sempre fiz tudo e faço tudo muito bem, não faço, eu estou a passar a ferro muito melhor que qualquer lavandaria.” (41 anos, nac. russa, não regularizado, ens. superior, trabalh. não qualif. dos serviços).

Estas mulheres acham que o desempenho das tarefas domésticas é algo inerente à condição de mulher, já que é esse o papel socialmente esperado de si. Já era assim no tempo das suas mães, e as entrevistadas não fazem mais do que reproduzir práticas intergeracionalmente incorporadas.

Face à sociedade portuguesa, os entrevistados deixam transparecer nos seus discursos, alguns estereótipos. Realçam a existência de alguma erosão e queda de importância da instituição familiar, para além de alguma diversidade no plano das formas de organização familiar. Natacha reflecte sobre estes aspectos, mostrando alguma estranheza face às rupturas familiares, nomeadamente o divórcio:⁸⁷

“É isso que, pronto, e depois que vivem em cantos separados. Vivem... o filho fica fim-de-semana com o pai, toda a semana com a mãe. Ou que vivem não casam pela igreja e pela... pronto, vivem. Juntam-se e vivem. Para nós isso um bocadinho... Agora também começaram a aparecer famílias assim. Mas ainda há uns anos a família era normal.” (37 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, quadro técnico intellect. e científico).

Viktor tem 20 anos e observa diferenças na forma como os jovens casais iniciam a conjugalidade, nomeadamente através da coabitação. Com efeito, na sua perspectiva, os jovens portugueses manifestam um maior grau de autonomia e de liberdade face aos pais, já que “cá viver com a namorada e depois separar é normal.” Na Ucrânia a situação é distinta. Geralmente, nas aldeias o jovem casal tende a viver na casa dos pais:

“Nas cidades compram uma casa ao pé dos pais, mas não é na mesma casa.” (20 anos, nac. ucraniana, regularizado, solteiro, 10 anos escol.).

Pedro constata a existência de diferenças relevantes entre os jovens portugueses e os ucranianos. Entre as diferenças mais salientes, destaca a maior liberdade, abertura e autonomia demonstrada pelos portugueses, que desde muito cedo têm acesso a múltiplas e diversas experiências. O entrevistado realça que, entre os portugueses:

87 A informação quantitativa patente no *Demographic Yearbook* (2006), publicado pela ONU, refuta esta percepção enviesada, já que em 2004, Portugal apresentava uma taxa bruta de divorcialidade de 2,2%, bastante abaixo dos valores registados na Ucrânia (3,7 %) e na Rússia (4,4%). No entanto, é verdade que no nosso país, os valores têm vindo a subir, pois, em 2001 a taxa era apenas de 1,8%. A Rússia tem registado uma inversão de tendência, já que nesse ano a taxa bruta de divorcialidade era de 5,2%; enquanto na Ucrânia parece registar-se uma maior estabilidade de valores, já que em 2001, a taxa era similar à de 2004. Porém, importa referir que a taxa bruta de nupcialidade quer na Rússia (7,6%, em 2004), quer na Ucrânia (7,8%) é substancialmente superior à nacional (5,1%).

“Há muita droga, os jovens com 14-16 anos já experimentaram tudo... Nos ucranianos há mais educação, mais controle e disciplina; a escola é obrigatória, também há droga, mas muito menos.” (25 anos, nac. ucraniana, não regularizado, 9 anos escol., detido).

De certo modo, o entrevistado não deixa de atribuir aos jovens seus concidadãos uma certa superioridade moral e social.

Para alguns dos entrevistados, cá em Portugal os jovens manifestam precocidade no plano das aprendizagens que marcam a transição para a vida adulta. Na Rússia, Anastacia era médica epidemiologista e demonstra alguma indignação ao constatar que os jovens portugueses iniciam a sua actividade sexual relativamente cedo. A entrevista declara com surpresa que:

“Aqui já sabe tudo, o quê, qual comprimido precisa comprar, usa preservativos, tudo sabe... Jovens russo fica mais calmo [...]” (46 anos, nac. russa, regularizado, empreg. da administração, comércio e serviços).

Estes entrevistados deixam transparecer uma comparação enviesada: os comportamentos dos mais jovens, no seu país de origem, são marcados por uma certa pureza e ingenuidade, diferentemente do que observam no país de acolhimento, em que os jovens adoptam comportamentos e práticas socialmente censuráveis, como se estes fossem inexistentes na sociedade de origem.

Para Nicolai, na sociedade de recepção parece haver um rápido processo de autonomização do jovem face à família, já que marca bem a sua individualidade face ao núcleo afectivo de origem, privilegiando as aprendizagens e relações no seio do grupo de pares. No seu entender, tal fenómeno tem efeitos mais negativos que positivos, ao salientar a existência de um maior isolamento dos indivíduos, bem como uma espécie de enfraquecimento da densidade das relações familiares. Este entrevistado realça a importância da manutenção das relações de solidariedade familiar, destacando que entre os ucranianos ainda subsiste um certo sentido de responsabilização dos pais face aos filhos (e vice-versa), que não termina quando os indivíduos se tornam adultos e constituem a sua própria família. Deste modo, Nicolai observa:

“[...] Aqui não sei se há, se filho já tem 21 anos, 18 anos, depois ele pode viver sozinho, sozinho, não interessa nada que ele vai fazer, vai trabalhar ou vai estudar. Nós não, nós toda vida para ajudar primeiro filhos, depois... não sei como, depois filho de filho...pai e mãe... ajudamos para... para... eu agora vou ajudar... eu sempre ajudo para minha avó, avó porque ela está velha, já 80 anos e eu faço serviço em casa dela, dá dinheiro para comprar qualquer coisa, compro televisão.” (33 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, operário da indústria e construção).

Estas observações a propósito dos jovens nacionais contrariam os factos. Atendendo aos dados do *European Social Survey* (2002/03), em Portugal, tal como em Espanha, apenas 2% de jovens entre os 15 e os 29 anos vivem sozinhos, valores bastante aquém dos que se registam em outros países da Europa do Sul, como a Grécia (8,3%) e a Itália (4,6%). No sul da Europa, o valor médio ronda os 4,2%, valor distante dos jovens escandinavos que vivem sós, cujo valor médio é 23,1% (Torres *et al.*, 2004: 3). Em comparação com os países escandinavos, assim como com os do Norte e Centro da Europa e países do recente alargamento, é em Portugal e nos outros países do Sul que os agregados em média são classificados como numerosos, com 3,3 pessoas. É também aqui que ainda se encontram “mais casais a viver com filhos, o que, conjuntamente com as elevadas dimensões do agregado familiar, poderá indicar que os jovens permanecem em casa dos pais até mais tarde” (ICS, ISCTE e FCT, 2004: 12).

Tendo por base os depoimentos dos entrevistados, podemos estar perante uma atitude de clara sobrevalorização do seu quadro de valores, enquanto possível forma de defesa identitária e reafirmação da sua auto-estima, como grupo (nacional). Por outro lado, estas opiniões são manifestadas principalmente por indivíduos com idades superiores a 30 anos e educados num contexto sócio-educativo mais autoritário e opressivo, o que poderá ajudar a compreender esta percepção de certo modo desvirtuada e unilateral sobre a sociedade de acolhimento.

O “distanciamento cultural” deriva, para alguns dos entrevistados, do facto de os portugueses pertencerem ao que eles chamam “latinidade”, a uma “cultura latina”, em contraposição à suposta “cultura eslava” dos entrevistados, a que se associam formas de ser e de agir diferenciadas. Apesar das diversidades, os interlocutores salientam que ambas se inscrevem numa suposta “cultura europeia”. Contudo, não se coíbem em apontar atributos classificados como negativos e que recobrem uma variedade de domínios, desde a atitude do cidadão português face ao trabalho, à sua “forma de ser”, à forma como se relaciona com o Outro (estrangeiro e imigrante), até algumas práticas culturais e valores específicos.

No domínio do mercado de trabalho, os entrevistados efectuam constantemente um exercício de comparação social entre trabalhadores portugueses e trabalhadores imigrantes, em termos de qualidade, competência, formação, e compensações. A este respeito, é até possível esboçar uma espécie de estereótipo pomenorizado sobre o trabalhador português. Criticam a postura do trabalhador nacional, que apesar de auferir os mesmos níveis salariais que o imigrante (ou até superiores) no exercício das mesmas funções, regista um tempo efectivo de trabalho mais reduzido, não cumprindo com pontualidade e rigor o horário de trabalho. Anatoli exclama:

“Ah, os portugueses! Eu sei que os portugueses... algumas pessoas andarem no... não é no trabalho, recebem dinheiro para andar todo o dia a tomar cafés e cervejas. Só que nós aqui, faltar dinheiro e tem que ser trabalhar, não pode andar assim.” (nac. ucraniana, 47 anos, regularizado, ens. superior, desempregado/operário da indústria e construção).

A falta de rigor e de responsabilidade no exercício da actividade profissional é assinalada por Viktor, que não percebe o comportamento “pouco profissional” dos trabalhadores nacionais que revelam uma certa “flânerie”, ao denunciar que:

“[...] Eu trabalhei no Carrefour é diferente porque somos todos iguais: africano, ucraniano, português, todos temos que varrer o chão... pronto, varremos, mas às vezes: «oh pá, eu vou buscar farinha», estão lá meia hora porque não quer varrer e não vem; há alguns assim... portugueses, africanos. Tipo: «olha eu vou fumar um cigarro agora», quando o chefe disse varrer o chão, ele vai fumar um cigarro e fica lá.” (20 anos, nac. ucraniana, regularizado, 10 anos escol, empreg. da administração, comércio e serviços).

O baixo ritmo de trabalho e as constantes paragens que o trabalhador português efectua durante uma jornada de trabalho, são aspectos criticados por Alex, que diz claramente que:

“O português não gosta de trabalhar: se tem horário de 8 horas, ele só trabalha 4 horas, por exemplo, se trabalha na construção, ele tira um bocado de madeira e anda de lado para lado, o que eu faço em 2 dias, o outro faz em 2 semanas.” (45 anos, nac. russa, cidadania ucraniana, não regularizado, operário da indústria e construção).

Sergey confessa que, antes de vir para Portugal tinha alguns preconceitos face aos portugueses, que na sua óptica são preconceitos que circulam em outros países europeus, como por exemplo:

“Que pobre país, que muito lazy person... Isto tem estes estereótipos porque não sei a verdade [...]” (43 anos, nac. ucraniana, não regularizado, desempregado).

Irina assinala que os portugueses não mostram interesse nem gosto pelo trabalho, dificilmente se concentram no que estão a fazer e dispersam-se por outras actividades não laborais. Para esta entrevistada, é mais do que evidente que:

“Eles [portugueses] não gostam de trabalhar, gostam de falar muito e isto eu não gosto, está a perceber?” (38 anos, nac. ucraniana, regularizada, ens. superior).

Alex ficou estupefacto quando foi advertido pelo próprio empregador para abrandar o ritmo de trabalho, encarando essa advertência como reveladora de uma atitude de acomodação e de falta de ambição por parte da entidade empregadora. Conta:

“[...] Patrão não tem interesse se se trabalha melhor e em quantas horas. O patrão disse: «é tudo muito rápido, precisa trabalhar mais calmo, o outro trabalha calmo e ganha igual».” (45 anos, nac. russa, cidadania ucraniana, não regularizado).

Ainda em cenários laborais, alguns entrevistados revelam um certo mal-estar interior, manifestando um sentimento de inferioridade que parece já ter sido subjectivamente incorporado. Os entrevistados lamentam estar numa posição de subordinação no mercado de trabalho, estando sob ordens de empregadores que têm apenas os 4 primeiros anos de escolaridade. Leonid salienta que:

“Isto ofende um bocadinho. Sente algo, mas não protesta.” (40 anos, nac. russa (cidadania ucraniana), regularizado, ens. superior).

Nicolai queixa-se da atitude das chefias, que geralmente assumem uma postura de sobrançeria e menosprezo face aos operários imigrantes qualificados, não aceitando sugestões providas dos trabalhadores imigrantes relativamente às formas de organização e execução do trabalho. Desta forma, o entrevistado conta:

“[...] Muita gente que estuda nada, estuda quanto, 4, 5, 6, não sei quanto, 8 anos, depois eles pensa que... e também há muitas pessoas que trabalha obra e gerentes e engenheiros e outros e nós percebemos mais que eles. Eles dizem: ‘olhe, tem que fazer assim, assim, assim’, nós dizemos: ‘olhe, é melhor fazer doutra forma’ e eles dizem: ‘não, eu sei melhor’, pronto, sabes, sabes, eles fazem, mas depois sai mal, depois tira e faz outro coisa.” (33 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, operário da indústria e construção).

Anton satiriza a situação dos nacionais face ao trabalho, realçando que:

“78% dos homens portugueses são patrões... todas as mulheres estão em casa, não fazem nada... e os restantes trabalham para o Estado.” (37 anos, nac. ucraniana, não regularizado, ens. superior).

Há aqui uma espécie de hipérbole, em que se omite que a maior parte dos portugueses são trabalhadores por conta de outrem e por outro lado, se desvalorizam as elevadas taxas de actividade das mulheres nacionais.

Alguma ambivalência e até diversidade de opiniões são detectadas na apreciação que os imigrantes fazem a propósito da “forma de ser” dos portugueses, que ora é classificada como sendo mais reservada e cautelosa, ora como sendo reveladora de um maior abertura e expansividade. Quando cá chegou, Vladimir ficou com a impressão que os portugueses pareciam ser “pessoas simples”, mas com o passar do tempo o entrevistado teve oportunidade de constatar que a “simplicidade” não é propriamente sinónimo de abertura. A falta de flexibilidade dos nacionais, nomeadamente ao nível do raciocínio lógico, é um dos aspectos que mais surpreendeu Vladimir, que estranha a interiorização e consolidação de esquemas mentais que se baseiam na mera rotina e repetição. O entrevistado exemplifica:

“[...] Portugueses só pode viver na sua vida com coisas que ele já conhece, mas ele não conhece, às vezes, caminhos mais pertos da mesma coisa. Nós, porque sempre tentamos outros caminhos, sempre pode dizer: ‘olha, este pode ser mais fácil, mais rápido’, mas ele sempre diz ‘não, não, não, vamos fazer como nós fazemos muitos anos’, pronto. E por isso sempre nós pensamos, eu não quero pensar mais nada, não quero procurar algum caminho mais perto, para todos empresas, já percebi.” (34 anos, nac. russa, regularizado, ens. médio, desempregado, à procura de emprego).

Os portugueses são ainda encarados como tristes, melancólicos e pessimistas. Olga é ucraniana e não percebe porque razão os portugueses parecem tão sorumbáticos, questionando:

“Desculpa lá, portuguesa não gosta muito rir. Ucrânia e Rússia muito rir, muito feliz. Portugal não. Para mim, Ucrânia tem muito pessoas feliz, a rir; Portugal não! É muito triste; não sei porquê?” (40 anos, regularizado, ens. técnico, trabalh. não qualific. dos serviços).

Tais traços de comportamento são considerados por Danilo como algo estruturante e que são incorporados de forma precoce na socialização dos cidadãos nacionais. O entrevistado alega:

“Quando pessoa nasceu pessimista no tempo da infância tem 5 anos, tem pessimista e depois pessimista.” (46 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, desempregado).

Tal fatalismo parece ser incontornável.

Um dos aspectos mais criticados na população nacional e que é mencionado por Leonid é o facto de as:

“Pessoas prometerem e depois não cumprirem” (40 anos, nac. russa, cidadania ucraniana, regularizado, operário da ind. e construção).

Esta falta de responsabilização face a compromissos, por mais simples que sejam, é encarada como um sinal de desonestidade, de falta de palavra e de rigor, e, até, como reveladora de uma certa imprevisibilidade comportamental. Anna inicialmente pensava que os portugueses estavam constantemente a mentir, mas:

“[...] agora já estão habituados.” (26 anos, nac. russa (cidadania ucraniana), regularizada, ens. superior).

Nos modos de interacção, também emerge a ideia de um certo calculismo por parte dos cidadãos nacionais, que só se relacionam com os imigrantes na medida em que possam ter algum ganho económico. Anton sublinha:

“[...] os portugueses quando eles precisam de ti, de alguma pessoa, eles podem fazer tudo. Quando ganhas dinheiro para eles, depois eles fazem bem” (37 anos, nac. ucraniana, não regularizado, trabalh. não qualific. da ind. e da construção).

Ao nível das relações humanas, Irina evidencia que, em Portugal as relações humanas não são lineares, são problemáticas e conflituosas:

“aqui pronto, qualquer coisinha... não sei. Qualquer coisinha... passa muitos dilemas e [...]” (38 anos, ucraniana, regularizada, ens. superior).

A educação cultural e a formação escolar média dos portugueses são uma das dimensões mais negativamente apreciadas pelos imigrantes russos e ucranianos. Zina sublinha que os nacionais:

“pouco conhece física, matemática, química [...]” (45 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior).

Os nacionais também não dominam o que os imigrantes designam de “cultura clássica”. Entre estes imigrantes encontra-se ainda a valorização da cultura cultivada ou cultura superior, composta principalmente por formas artísticas do passado, dentro de determinada tradição estética, em que se destacam os autores consagrados da literatura russa e manifestações artísticas, como o ballet e a música clássica, que são admirados e considerados como os que merecem ser conhecidos. Revelam ainda uma preocupação em conservar e transmitir estes conhecimentos às novas gerações, sendo os mesmos avaliados como um capital cultural transmitido não só pela escola no país de origem, mas também pela família e que lhes confere um *status*

social e intelectual superior. Este aspecto não deixa de ser um elemento de afirmação, contrariando o efeito dominante que observam na sociedade de recepção (economia e sociedade de mercado), que se orienta no sentido da homogeneização e da imposição de outro arbitrário cultural e de uma ordem uniformizante.

2.3. Características preferenciais e similaridades face à maioria

Para alguns entrevistados não existem diferenças assinaláveis entre imigrantes e portugueses. Na perspectiva de Oleg, até há mais similitudes do que contrastes, principalmente entre os portugueses e os ucranianos da zona oeste:

“Para mim, por exemplo, onde eu moro, na Ucrânia oeste... nós católicos, religião católico, mas não muito problemas da... problema da religião ou outro, pessoas que mora na Ucrânia Leste já mais problemas, mais diferente... Nossa cultura... cultura da Europa, mas uma cultura da Europa tem pouco diferente.” (38 anos, nac. ucraniana, não regularizado, ens. superior, desempregado).

Elena é russa e casada com um cidadão português, observa algumas similitudes na “forma de ser” entre russos e portugueses, dizendo que ambos são:

“Ingénuos, sim, bondosos, bastante... religiosos, também bastante [...]” (34 anos, regularizado, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

Vladislav é de nacionalidade russa e assinala que os aspectos de maior proximidade face aos cidadãos nacionais radicam na partilha de alguns valores comuns, assim como de algumas crenças de carácter religioso. O interlocutor pormenoriza as similitudes, notórias em vários domínios:

“Maneira de vestir-se, maneira de preocupação de educação, acho eu. Não sei se portugueses estão preocupados. Maneira de viver nos casas, não é criar um barraco ou não sei quê. Maneira familiar, não tem discriminação dos senhoras com trabalho em casa. Também somos cristãos... e objecto de vida. Acho que é trabalhar, melhorar a vida, melhorar a vida de seus membros e sempre subir, acho eu.” (29 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

No plano religioso, Oxana denota que, há cerca de 7 ou 8 anos, ocorreu na Rússia uma espécie de reactivação do interesse em alguns sectores da população pelas práticas religiosas, notando, inclusive, entre os imigrantes em Portugal, um renovado alento face à religião. No entanto, esclarece que:

“Na Rússia não podes ouvir tantas vezes por dia «se deus quiser». «Até amanhã, se Deus quiser; até para semana, se Deus quiser» e «vamos ganhar, se deus...», nós não chamamos o deus tantas vezes por dia por coisas pequeninas.” (41 anos, nac. russa, não regularizado, ens. superior, trabalh. não qualific. dos serviços).

Os entrevistados apreciam também a abertura e a curiosidade dos nacionais em aprenderem, por exemplo, algumas palavras em língua russa e ucraniana, assim como em conhecerem algumas tradições e costumes eventualmente estranhos. Mas o que os imigrantes avaliam positivamente é a atitude de aceitação e tolerância que, aparentemente, os portugueses parecem manifestar face aos estrangeiros. Sergey está apenas há 8 meses em Portugal e considera que a sociedade portuguesa não é xenófoba, comparativamente a outras populações autóctones de outros países europeus, como é o caso dos franceses. Afirma que:

“Na França são um pouco chauvinistas”, enquanto “os portugueses muito benevolentes” (43 anos, nac. ucraniana, não regularizado, ens. superior, desempregado).

Antes de vir para Portugal, Anton esteve a trabalhar na República Checa e na Alemanha, confessando que, nestes países os níveis de rejeição ao imigrante são mais salientes, afirmando que:

“Aqui é mais fácil entrar no contacto” (37 anos, nac. ucraniana, não regularizado, ens. superior).

Este entrevistado recorda que, por exemplo, na Alemanha havia uma notória atitude de fechamento dos autóctones face aos estrangeiros, nomeadamente imigrantes, dizendo: “não querem... contactar a nível pessoal.”

Entre os interlocutores, é particularmente apreciada a solidariedade dos nacionais face aos imigrantes, nomeadamente a sua disponibilidade para ajudar. Zina refere que:

“Tudo ajuda” e que os portugueses têm “coração muito bom”. (45 anos, nac. russa, regularizado, casada, ens. superior).

Num determinado segmento dos entrevistados, há uma espécie de “branqueamento do racismo e discriminação”. Este grupo de imigrantes assevera que, em Portugal, não há racismo, argumentando que os imigrantes têm boa aceitação nos mercados de trabalho e de arrendamento, na sua área de residência e em outras esferas da sociedade. Nicolai inscreve-se nesta linha de pensamento ao declarar que:

“Eu gosto deste país porque aqui gente não faz mal para mim, ninguém, nenhum português quer fazer mal.” (33 anos, nac. ucraniana, regularizado, ens. superior, operário da indústria e construção).

Porém, na realidade, a aceitação manifestada pelos membros da sociedade de acolhimento não é propriamente algo de uniforme e unívoco, notando Vladislav que há uma maior abertura por parte dos portugueses que já foram emigrantes e que, com facilidade, se auto-projectam nestes “novos” imigrantes. O entrevistado concluiu, assim:

“No geral pessoas mais abertas quando pessoas emigraram, pessoas melhor, pessoas que tiveram experiência lá é que fala nisso.” (29 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior, empreg. da administração, comércio e serviços).

Os entrevistados realçam ainda que os cidadãos nacionais são indivíduos alegres, comunicativos e que têm um certo sentido de humor, o que contraria o estereótipo atrás enunciado de indivíduos tristes, melancólicos e pessimistas. Leonid está em Portugal desde 1997 e revela que hoje já entende o que ele chama de “humor negro” dos portugueses (40 anos, nac. russa (cidadania ucraniana), regularizado, ens. superior), o que, no início da sua estadia entre nós, não percebia e até achava descabido. Elena é russa e dispõe de AR porque é casada com um cidadão português e aprecia o sentido de humor dos portugueses, que na sua perspectiva tem similaridades com o dos russos. A entrevistada diz que os portugueses:

“[...] têm sentido de humor, é bom. Aqueles “Malucos do Riso”, eu gosto muito daquele... muito parecido e muito... É maneira e coisas que é engraçado também.” (34 anos, nac. russa, regularizado, ens. superior).

O tempo de estadia em Portugal e a estabilidade associada aos projectos de médio e longo prazo de permanência entre nós são factores que podem condicionar o grau de positividade da avaliação da sociedade de acolhimento por parte destes imigrantes, assim como a tendência para suavizar as diferenciações mais marcantes e a tendência para fazer sobressair as similitudes.

Entre as práticas que geram mais proximidade parecem estar as várias manifestações de convívio social, em que o álcool está também presente. Estas práticas são encaradas pelos entrevistados como social e culturalmente condicionadas, e raramente são condenadas ou reprovadas, mesmo quando há excessos. Anatoli declara:

“Nós também gostamos de cerveja, vinho bom, a mistura de cerveja e bagaço é bom, mas faz mal à cabeça.” (nac. ucraniana, 47 anos, regularizado, ens. superior).

Conclusões

É, com efeito, no quadro de interacção com os Outros que emergem aproximações, similitudes, oposições e distanciamentos face a estes. De facto, evidencia-se uma clara dissonância entre a identidade social real (identidade para o Eu/Nós) e a identidade social virtual (para a maioria, ou para os Outros).

Russos e ucranianos preferem ser nomeados pelo seu nome próprio, ou então pela sua origem nacional. Entre si, os imigrantes provenientes dos diferentes países do Leste da Europa nomeiam-se com base no critério nacionalidade. Mas são realçadas outras diferenciações internas com base na língua, nas origens étnicas e nas diferenças religiosas intra-russos (os tártaros, os tchetchenos, os cristãos ortodoxos, os muçulmanos), na clivagem russos/ ucranianos (orientação política, biografia familiar, língua e religião), que não pode ser dissociada das divergências intra-ucranianos (entre os pró-Rússia e os nacionalistas ucranianos, mais próximos da Europa).

Os imigrantes avaliam como globalmente positiva a forma como a maioria os percebe, apreciando a qualidade e a sua capacidade de trabalho, a sua maior produtividade, as suas credenciais escolares, o seu contributo para o sistema de segurança social e para o sistema fiscal, assim como a “beleza” da mulher. Porém, reconhecem que a sua imagem pública se tem vindo a deteriorar, mostrando-se preocupados com algumas das informações estigmatizantes que circulam na sociedade envolvente e que os associam à “criminalidade organizada”, ao fenómeno dos sem-abrigo e a comportamentos reprováveis derivados da dependência face ao álcool.

Quer a definição do Nós, quer a dos Outros integra “teorias implícitas” sobre o modo de ser e o modo de vida do Eu e do Outro. Tais representações parecem ser mais condicionadas pelos média e pelos estereótipos genéricos que fazem parte do domínio do senso-comum, do que propriamente pela existência de experiências de contacto e de relacionamento efectivo e não imaginário entre minorias e maioria. Contudo, a discussão desta questão exigiu que recetrássemos o olhar na importância e no contributo do média. Ao difundirem informações essencialmente avaliativas sobre os “imigrantes de Leste” contribuem decisivamente para a construção de representações negativas, em que é prática habitual a associação dos “imigrantes de Leste” a situações e factos-problema, como a criminalidade violenta, a pertença a “máfias”, a prostituição e o tráfico de mão-de-obra. Os imigrantes russos e ucranianos são assim frequentemente apresentados de forma estereotipada e preconceituosa como indivíduos e grupos problemáticos que constituem uma ameaça porque causam instabilidade social e geram problemas sociais. Os imigrantes emergem como um ameaça mais de carácter realista (são responsabilizados pela subida da taxa de desemprego entre os nacionais, pelo abaixamento dos níveis salariais em alguns sectores, pela redução das oportunidades de trabalho). De facto, os entrevistados estão bem cientes do contributo embora não exclusivo, mas importante, do média nos processos de construção e de hetero-atribuição de identidades negativas aos “imigrantes de Leste”. De certo modo, o média legitimam de forma explícita o poder exercido pelo grupo dominante, até porque os grupos minoritários enquanto grupos dominados estão, segundo Van Dijk (1997), menos organizados e têm um acesso mais limitado aos meios de comunicação.

Pelo menos aparentemente, os imigrantes procuram não ostentar de forma muito visível a sua diferença, tentando até encobri-la, nalguns casos. As fronteiras entre a maioria e estes imigrantes emergem como bem marcadas, principalmente ao nível dos relacionamentos que implicam maior intimidade, como a amizade e a conjugalidade. Entre imigrantes e maioria, o distanciamento social, cultural e étnico é significativo. Com o tempo (da análise), parece que o que afasta a maioria destes imigrantes se tornou gradualmente mais visível. No futuro é possível que este distanciamento se encurte, principalmente entre aqueles que optarem por permanecer em Portugal. Relembre-se aqui o que dizia Simmel: à medida que os elementos comuns e similares são gerais, a relação tende a ser mais fria e distante. A consciência de não se ter em comum mais do que o geral, leva a que se acentue de forma particular o que não é comum (Simmel, 1986: 721).

Parece ocorrer um paradoxo que conjuga um certo grau de aparente proximidade cultural entre imigrantes e maioria com uma certa distância relacional. Num primeiro momento, é notória nos discursos a tentativa de desvalorização das dissemelhanças culturais, argumentando que existem mais similaridades e aspectos de proximidade do que diferenças. No entanto, ao longo da conversação, os elementos de distanciamento vão ganhando uma especial relevância, inicialmente não admitida.

O distanciamento cultural é associado a uma oposição de base entre “cultura latina” e “cultura eslava”, a qual se manifesta no suposto “modo de ser” dos portugueses diferente do dos imigrantes, e que indicia a existência de estereótipos e preconceitos face à maioria. Aos portugueses são conferidos atributos como a falta de auto-controle e disciplina, o uso de um tom de voz demasiado alto, o recurso excessivo à verbalização, à gestualidade, às expressões faciais, bem como a falta de rigor. Outras informações configuram representações estereotipadas: a existência de um maior número de divórcios, a desunião e desarmonia familiar, a precocidade com que os jovens iniciam a sua sexualidade, experimentam drogas, iniciam a sua conjugalidade por via da coabitação e se autonomizam face ao núcleo familiar de origem.

Mas o distanciamento relacional parece assumir uma relevância significativa nas relações entre maioria e imigrantes russos e ucranianos. A língua é considerada como um dos aspectos que mais condiciona a capacidade de se estabelecerem relações de maior proximidade e profundidade relacional. Há uma “fronteira invisível” e de difícil transgressão, parecendo as relações entre estes imigrantes e portugueses confinar-se em muitos casos, ao mundo do trabalho. Notam por parte da maioria uma retracção à intimidade, uma espécie de medo, aliado a um certo temor face ao desconhecido. Mas entre os imigrantes há, porém, quem também revele desconfiança e receio em se aproximar dos membros da sociedade maioritária e de outras minorias. O que parece ser comum à maioria é a dificuldade em estabelecer relações de amizade e de companheirismo com os portugueses e, quando estas existem, são classificadas como transitórias, pontuais e de difícil manutenção.

Quando olham para a sociedade de acolhimento, os imigrantes valorizam essencialmente dois aspectos: a solidariedade informal e institucional demonstrada pelos portugueses e a atitude de generalizada tolerância e aceitação dos nacionais face aos estrangeiros.

Referências Bibliográficas

- ABRIC, Jean-Claude (1994) - “L'étude expérimentale des représentations sociales” in JODELET, Denise (org.), *Les représentations sociales*, Paris, PUF, pp.187-203.
- ALMEIDA, João Ferreira de, et al. (1992) - *Exclusão social. Factores e tipos de pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- AUGSTEIN, Hannah Franziska (org.) (1996) - *Race. The origins of an idea, 1760-1850*, Bristol, Thoemmes Press.
- BAGANHA, Maria Ioannis (1996) - *Immigration Insertion in the Informal Economy. The Portuguese Case* (First Report), Coimbra, CES.
- BAGANHA, Maria Ioannis e MARQUES, José Carlos (2001) - *Imigração e Política. O Caso Português*, Lisboa, Fundação Luso-Americana.
- BAGANHA, Maria Ioannis et al., (2004a) - “The Unforeseen Wave: Migration from Eastern Europe to Portugal”, in BAGANHA, Maria e FONSECA, Lucinda (orgs.), *New Waves: Migration from Eastern to Southern Europe*, Lisboa, Fundação Luso-Americana, pp. 23-39.
- BAGANHA, Maria Ioannis et al. (2004b) - “Immigrants and the Labour Market: The Portuguese Case”, in *Metropolis International Workshop - Proceedings*, Lisboa, Fundação Luso-Americana, pp. 89-120.
- BAKER, Lisa-Jo e MIASNIKOFF, Paul (2003) - EECA Ukraine Country Report, IOM.
- BARTH, Fredrik (org.) (1982) - *Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Culture Difference*, Bergen/Oslo, Universitetsforlaget.
- BASTOS, José Gabriel Pereira e BASTOS, Susana Pereira (1999), *Portugal Multicultural. Situação e Estratégias Identitárias das Minorias Étnicas*, Lisboa, Fim de Século Edições.
- BATAILLE, Philippe (1999) - “Racisme institutionnel, racisme culturel et discriminations”, in DEWITTE, Philippe (org.), *Immigration et Intégration*, Paris, La Découverte, pp. 285-293.
- BENJAFIELD, John G. (1996) - *Cognition*, New Jersey, Prentice Hall.
- BOCHACA, Jordi Garreta (2003) - *La Integración Sociocultural de las Minorías Étnicas (Gitanos e Inmigrantes)*, Barcelona, Anthropos.
- BOISVERT, Georges (2000) - “La dénomination de l'Autre africain au XVe siècle dans les récits des découvertes portugaises”, in *L'Homme*, n.º153, pp. 165-175.
- BONIS, Monique de (1996) - *Connaître les émotions humaines*, Liège, Pierre Mardaga éditeur.
- BOTELHO, Leonete (2001) - “Comissão com medidas idênticas às portuguesas”, in *Público*, 22 de Julho.
- BOURDIEU, Pierre (1972) - *Esquisse d'une théorie de la pratique*, Paris, Droz.
- BOURDIEU, Pierre (1984) - *Questions de Sociologie*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- BOURDIEU, Pierre (1997) - *Razões práticas: sobre a teoria da acção social*, Oeiras, Celta Editora.
- BOURDIEU, Pierre et al. (org.) (1993) - *La misère du Monde*, Paris, Éd. du Seuil.
- BRITO, Catarina Carneiro e ESPADA, Maria Henrique (2000) - “Bem vos quero imigrantes. Mal vos quero...”, in *Focus* n.º18, pp.28-32.
- BURKITT, Ian (2002) - “Complex emotions: relations, feelings and images in emotional experience”, in BARBALET, Jack (org.), *Emotions and Sociology*, Oxford, Blackwell Publishing, pp. 151-167.
- CÁDIMA, Francisco Rui (org.) (2002) - *Representações (imagens) dos Imigrantes e das Minorias Étnicas nos Média*, Lisboa, ACIME/Observatório da Imigração.
- CANOTILHO, Joaquim Gomes (org.) (2000) - *Direitos humanos, estrangeiros, comunidades migrantes e minorias*, Oeiras, Celta Editora.
- CARRILHO, Maria José (2003) - “Os Imigrantes no processo de envelhecimento em Portugal”, in *A Europa o desafio demográfico e o espaço de liberdade, segurança e justiça*, Debate no Centro Cultural de Belém, 18 de Outubro de 2002, Gabinete em Portugal do Parlamento Europeu, pp.39-54
- CARNEIRO, Roberto (org.) (2006) - *A mobilidade ocupacional do trabalhador imigrante em Portugal*, Lisboa, Direcção-Geral de Estudos, Estatística e Planeamento, Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- CEGARRA, Marie (2002) - “De la flexibilité du travailleur étranger”, in *Le Monde diplomatique*, n.º62, pp. 47-52.
- CASTLES, Stephen (2000) - *Ethnicity and Globalization*, Londres, Sage Publications.
- CHAMPAGNE, Patrick et al., (1990), *Initiation à la Pratique Sociologique*, Paris, Dunod.
- CHECA, Francisco (1995), “Oportunidades socioeconómicas en el proceso migratorio de los inmigrantes africanos en Almería”, in *Agricultura y Sociedad*, n.º77, pp.41-82.
- CHECA, Francisco (2002) - “Los Inmigrados: la discriminación y exclusión diseñada”, in *Antropológicas*, n.º 6, pp. 87-119.

- CORKILL, David e EATON, M. (1999) - "Multicultural insertions in a small economy: Portugal's immigrant communities", in BALDWIN-EDWARDS, M. e ARANGO, J. (org.), *Immigrants and the informal economy in Southern Europe*, Londres, Frank Cass Publishers, pp.149-168.
- CORRÊA D'ALMEIDA, André (2003) - *Impacto da Imigração em Portugal nas contas do Estado* (versão final), Lisboa, ACIME/Observatório da Imigração.
- COSTA-LASCOUX, Jacqueline (1996) - "Immigration: de l'exil à l'exclusion" in PAUGAM, Serge (org.), *L'exclusion, l'état des savoirs*, Paris: Éditions La Découverte, pp. 158-171 .
- CRAPANZANO, Vincent (1994) - "Réflexions sur une anthropologie des émotions", in *Terrain*, n.º 22, pp.109-17.
- CUNHA, Isabel Ferin (org.) (2002) - "Média e discriminação: um estudo exploratório do caso português", in *Revista do Obercom*, Observatório da Comunicação, n.º 5, pp. 27-38.
- CUNHA, Isabel Ferin et al. (2004) - *Media, Imigração e Minorias Étnicas*, Lisboa, ACIME/Observatório da Imigração.
- DEVOS, Thierry et al., (2002) - "Experiencing intergroup emotions", in MACKIE e SMITH (org.), *From Prejudice to Intergroup Emotions: Differentiated Reactions to Social Groups*, Nova Iorque e Hove, Psychology Press, pp. 111-314.
- ENGBERSEN, Godfried (1999) - "Sans-papiers. Les stratégies de séjour des immigrés clandestins", in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.º 129, pp.26-38.
- ESSED, Philomena (1991) - *Understanding everyday racism: an interdisciplinary theory*, Newbury Park, California, Sage Publications.
- EXPRESSO Revista (1992) - "As respostas dos brancos", 5 de Setembro, pp. 8-9.
- FONSECA, M. Lucinda (org.) (2005) - *Reunificação familiar e imigração em Portugal: Relatório final*, Lisboa: CEG.
- FONSECA, Maria Lucinda et al., (2004) - "Immigration to Medium Sized Cities and Rural Areas: the Case of Eastern Europeans in the Évora Region (Southern Portugal)", in BAGANHA, Maria e FONSECA, Lucinda (org.), *New Waves: Migration from Eastern to Southern Europe*, Lisboa, Fundação Luso-Americana, pp.91-118.
- FONSECA, Maria Lucinda (2005) - "Portugal", in NIESSEN et al. (org.), *Current Immigration Debates in Europe: a Publication of the European Migration Dialogue*, Bruxelas, Migration Policy Group, pp. 325-354.
- FONSECA M. Lucinda e MALHEIROS, Jorge (org.) (2005) - *Social Integration and Mobility: Education, Housing and Health* (IMISCOE Cluster B5 State of the Art Report), Lisboa, CEG.
- GIDDENS, Anthony (1984) - *Capitalismo e Moderna Teoria Social*, Lisboa, Editorial Presença.
- GIDDENS, Anthony (1994) - *Modernidade e identidade social*, Oeiras, Celta Editora.
- GIDDENS, Anthony (1997) - *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- GILROY, Paul (1998) - "Race ends here", in *Ethnic and Racial Studies*, vol. 21, n.º 5, pp. 839-847.
- GOFFMAN, Erving (1988 [1963]) - *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade manipulada*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara.
- GOFFMAN, Erving (1993 [1951]) - *A apresentação do Eu na vida de todos os dias*, Lisboa, Relógio d'Água.
- GUILLAUMIN, Colette (1993) - "La «différence culturelle»", in WIEVIORKA, Michel (org.), *Racisme et Modernité*, Paris, Éditions La Découverte, pp. 149-151.
- HALL, Edward T. (1986) - *A Dimensão Oculta*, Lisboa, Relógio D'Água.
- HECKMANN, F. (1983) - "Towards the development of a typology of minorities", in FRIED, C. (org.), *Minorities: Community and Identity*, Berlin e Heidelberg, Springer-Verlag, pp. 9-23.
- HOUSEN, David (1994) - "Ex-Soviet Identities and the Return of Geography", in HOUSEN, D. (org.), *Geography and National Identity*, Oxford, Blackwell, pp. 134-140.
- HUGHES, Donna M. (2002) - *Trafficking for Sexual Exploitation: The Case of the Russian Federation*, Geneva, IOM.
- ICS, ISCTE e FCT (2004) - *EES - Inquérito Social Europeu: Resultados Globais*, Lisboa.
- IOM (International Organization for Migration) (1998) - *Research Report*
- JODELET, Denise (1994) - "Représentations sociales: un domain en expansion, in JODELET, Denise (org.), *Les représentations sociales*, Paris, PUF, pp. 32-61.
- KEPHERT, M. e ZELLNER, W. W. (1998) - *Extraordinary groups. An examination of unconventional lifestyles*, Nova Iorque, St. Martins's Press.
- KING, Russel e RIBAS-MATEOS, Natália (2005) - "Migração Internacional no Mediterrâneo: «o Modelo do Sul da Europa»", in BARRETO, António (org.), *Globalização e Migrações*, Lisboa, ICS, pp.191-221.
- LAGES, Mário e POLICARPO, Verónica (2002) - *Análise Preliminar de Duas Sondagens sobre os Imigrantes em Portugal* (Versão provisória), Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa e Centro de Estudos e Sondagens de Opinião.

- LAGES, Mário (coord.), (2005) - *Os imigrantes e a população portuguesa: imagens recíprocas* (versão provisória), Lisboa: ACIME/Observatório da Imigração.
- LIPIANSKY, E.M., et al. (1997) - "Introduction à la problematique de l'identité", in CAMILLERI, Carmel et al., *Stratégies identitaires*, Paris, PUF, pp.7-26.
- MACHADO, Fernando Luís (1992) - "Etnicidade em Portugal - contrastes e politização", in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 12, pp.123-136.
- MACHADO, Fernando Luís (1999a) - "Imigrantes e estrutura social", in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 29, pp.51-76.
- MACHADO, Fernando Luís (1999b) - *Contrastes e continuidades. Migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal*, Tese de doutoramento em Sociologia, Lisboa, ISCTE.
- MACHADO, Fernando Luís (2003) - "Imigração e Imigrantes em Portugal: parâmetros de regulação e cenários de exclusão", in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 41, pp. 183-188.
- MALESEVIC, Sinisa (2004) - *The Sociology of Ethnicity*, Londres, Thousand Oaks e Nova Deli, Sage Publications.
- MALHEIROS, Jorge Macaísta (1996) - *Imigrantes na Região de Lisboa: os anos da mudança. Imigração e processo de integração das comunidades de origem indiana*, Lisboa, Colibri.
- MALHEIROS, Jorge Macaísta (2001) - "«Nova» imigração e desenvolvimento regional: situação actual e oportunidades para as regiões portuguesas", in *Cadernos Sociedade e Trabalho II – Imigração e Mercado de Trabalho*, Lisboa, Departamento de Estudos, Prospectiva e Planeamento (DEPP)/Ministério da Segurança Social e do Trabalho (MSST), pp.69-88.
- MALHEIROS, Jorge Macaísta (2005) - "Jogos de Relações Internacionais: repensar a posição de Portugal no arquipélago migratório global", in BARRETO, António (org.), *Globalização e Migrações*, Lisboa, ICS, pp. 251-272.
- MALHEIROS, Jorge Macaísta e MENDES, Manuela et. al. (2005) - *Espaços e expressões de conflito e tensão entre autóctones, minorias migrantes e não migrantes na AML*, Relatório Final, Lisboa, ACIME/FCT.
- MALHEIROS, Jorge Macaísta e VALA, F. (2004) - "Immigration and City Change: The Lisbon Metropolis at the Turn of the Twentieth Century", in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 30, n.º 6, pp. 1065-1086.
- MAUSS, Marcel (1966 [1950]) - *Sociologie et Anthropologie*, Paris, PUF, pp.333-386.
- MOSCOVICI, Serge (1988) - "Notes towards a description of social representations", in *European Journal of Social Psychology*, vol. 13, pp. 211-250.
- NETO, Dulce (2001) - "Províncias. Novos imigrantes de Leste", in *Pública*, 4 de Março.
- NOIRIEL, Gérard (2002) - "Petite histoire de l'intégration à la française", in *Monde diplomatique*, n.º 62, pp. 30-34.
- OIM (Jun 2002) - "*Exploitation: Report on the Russian Federation*", *Traite des Migrants*, n.º 25, Genève.
- PHILIPPE-LEYENS, J. et al. (2002) - "Expressing emotions and decoding them, ingroups and outgroups do not share the same advantages", in MACKIE, M. Diane e SMITH, Eliot R. (eds.), *From Prejudice to Intergroup Emotions: Differentiated Reactions to Social Groups*, Nova Iorque e Hove, Psychology Press, pp.135-151.
- PINTO, José Madureira (1991) - "Considerações sobre a produção social de identidade", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 32, pp. 217-231.
- PIRES, Rui Pena (2002) - "Mudanças na imigração: uma análise das estatísticas sobre a população estrangeira em Portugal, 1998-2001", in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 39, pp.151-166.
- PIRES, Sónia (2002) - "A Etnicização da Imigração na Imprensa Portuguesa", in *Antropológicas*, n.º6, pp. 248-263.
- PORTELLA, Cristina (Outubro, 2004) - "Eu, tu e muitos outros", in *Boletim Informativo*, n.º 22, ACIME
- PORTES, Alejandro (1997) - "Theory for a new century: some problems and opportunities", in *International Migration Review*, vol. 31, pp.799-821.
- PORTES, Alejandro (1999) - *Migrações Internacionais: origens, tipos e modos de incorporação*, Oeiras, Celta Editora.
- POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne (1995) - *Théories de l'ethnicité*, Paris, PUF.
- PÚBLICA (2001) - "São precisos 44 milhões de estrangeiros até 2050", 1 de Abril.
- ROCHERON, Yvette (1999) - "Les mariages mixtes, un indice anthropologique de l'assimilation" in DEWITTE, Philippe (org.), *Immigration et intégration*, Paris, Éditions La Découverte, pp.205-211.
- SANTAMARÍA, Enrique (2002) - *La incógnita del extraño: Una aproximación a la significación sociológica de la «inmigración no comunitaria»*, Barcelona, Anthropos Editorial.
- SASSEN, Saskia (2002) - "Les migrations ne surgissent pas de néant", in *Le Monde diplomatique*, n.º 62, pp.10-14.

- SATZWICH, Vic (2002) - *The Ukrainian Diaspora*, Londres e Nova Iorque, Routledge.
- SHULMAN, Stephen (1999) - "The cultural foundations of Ukrainian national identity", in *Ethnic and Racial Studies*, vol. 22, n.º 6, pp. 1011-1036.
- SHULMAN, Stephen (2004) - "The contours of civic and ethnic national identification in Ukraine", in *Europe-Asia Studies*, vol. 56, n.º 1, pp. 35-56.
- SIMMEL, G. (1986) [1908] - "Digresión sobre el extranjero", in *Sociología 2*, Madrid, Alianza Ed.
- SIMMEL, G. (2004) - *Fidelidade e gratidão e outros textos*, Lisboa, Relógio D'Água Editores.
- SIMÕES, Mário Pinto (1985) - *O Emigrante Português – processos de adaptação (o exemplo da Suíça)*, Lisboa, Secretaria de Estado da Emigração, Centro de Estudos.
- SMELSER, Neil e BALES, Paul (orgs.) (2001) - *International Encyclopedia of the Social & Behavior Sciences*, vol. 19, Oxford, Elsevier, pp. 12681-12684; 12694-12706; 12716-12723.
- SOPEMI (2001) - *Tendances des Migrations Internationales*, Rapport Annuel, Paris, OCDE.
- STEPHEN, Walter G. and RENFRO, C. Lausanne (2002) - "The role of threat in intergroup relations" in MACKIE, M. Diane e SMITH, Eliot R. (eds.), *From Prejudice to Intergroup Emotions: Differentiated Reactions to Social Groups*, New York and Hove, Psychology Press, pp. 191-207.
- STOCZKOWSKI, Viktor (1999) - "La pensée de l' exclusion et la pensée de la différence. Quelle cause pour quel effet?", in *L' Homme*, n.º 159, pp. 41-58.
- TABLONI, Simonetta (2001) - "Il n'y a pas de différence sans inégalité", in WIEVIORKA e OHANA (dir.), *La Différence Culturelle. Une reformulation des débats*, Paris, Éditions Balland, pp. 73- 84.
- TAGUIEFF, P.-A. (1987) - *La force du préjugé. Essai sur le racisme et ses doubles*, Paris, Éd. La Découverte.
- TAGUIEFF, P.-A. (dir.) (1991) - *Face au racisme*. Tome II, Paris, Éd. La Découverte.
- TAJFEL, Henri (1983) - *Grupos humanos e categorias sociais - II*, Lisboa: Livros Horizonte.
- TCHERVONNAIA, Svetlana (2003) - "The Moscow of the 21st century - Ethnic and Confessional Colour of a Post-Industrial City", in LANG, Peter, *Consumption and the post-industrial city*, Frankfurt/Nova Iorque, pp. 207-216.
- TINGUY, Anne de e PICARD, Alexandra (1999) - "Les Européens de l'Est depuis la chute du Mur", in DEWITTE, Philippe (org.), *Immigration et intégration*, Paris, La Découverte, pp. 158-172.
- TORRES, Anália et al., (2004) - "Famílias no Contexto Europeu: alguns dados recentes do European Social Survey", *Seminário de apresentação dos resultados do ESS*, pp.1-12.
- TRIBALAT, Michèle (1996) - *De l'immigration à l'assimilation, enquête sur les populations d'origine étrangère en France*, Paris, Éd. La Découverte.
- VALA, Jorge (1986) - "Sobre as representações sociais - para uma epistemologia do senso comum", in *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 4, pp. 5-29.
- VALA, Jorge (2004) - "Percepção de ameaça e oposição à imigração", *Seminário de apresentação dos resultados do ESS*, pp.1-16.
- VALA, Jorge et al. (1999) - *Expressões dos Racismos em Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- VAN DIJK, Teun A. (1997) - *Racismo y análise crítico de los medios*, Barcelona, Paidós.
- WEBER, Max (2001) - "What is an ethnic group?", in GUIBERNAU, Montserrat e REX, John (eds.), *The ethnicity reader: nationalism, multiculturalism, and migration*, Cambridge, Polity Press, pp. 15-26.
- WIEVIORKA, Michel (1991) - *L'espace du racisme*, Paris, Éd. du Seuil.
- WIEVIORKA, Michel (1995) - *A Democracia à Prova. Nacionalismo, Populismo e Etnicidade*, Lisboa, Instituto Piaget.
- WIEVIORKA, Michel et al. (1992) - *La France Raciste*, Paris, Éd. du Seuil.
- WINDISH, Uli (1994) - "Représentations sociales, sociologie et sociolinguistique. L'exemple du raisonnement et du parler quotidiens", in JODELET, Denise (org.), *Les représentations sociales*, Paris, PUF, pp. 169-183.
- ZIEGLER, Jean (1999) - *Os Senhores do Crime: as Novas Máfias contra a Democracia*, Lisboa, Terramar.